



volume 2

ORGANIZADORAS

Allana de Azevedo Trajano
Carlana Faria Rocha

Letras INSUR GENTES

LETRAS
INSURGENTES

 peripécia



volume 2

ORGANIZADORAS

Allana de Azevedo Trajano
Carlana Faria Rocha

Letras INSUR GENTES

LETRAS
INSURGENTES

| São Paulo | 2025 |

 peripécia

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

L649

Letras Insurgentes / Organização Allana de
Azevedo Trajano, Carlana Faria Rocha. –
São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Volume 2

Livro em PDF

ISBN 978-65-88192-44-3

1. Literatura negra. 2. Escrita criativa. 3.
Gênero e diversidade. 4. Juventude. 5. Resistência
cultural. I. Trajano, Allana de Azevedo (Org.). II.
Rocha, Carlana Faria (Org.). III. Título.

CDD 809.8928

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura negra

Simone Sales • Bibliotecária • CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 as autoras.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiária em editoração	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	juanmataborda, freepik - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Abril, Rockwell Nova, Gobold Extra2, Acumin Variable Concept
Revisão	Carlana Faria Rocha
Organizadoras	Allana de Azevedo Trajano Carlana Faria Rocha

PIMENTA CULTURAL

São Paulo • SP

+55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 5

SUMÁRIO

Prefácio 6

Apresentação 14

Caminhos 18

1

Amanda Victória dos Santos Lima

Sonhos e desafios 25

2

Ana Júlia Barreto Kunzler

Código de Sobrevivência 35

3

Antonella da Silva Carvalho

Club 14 Z 50

4

Daniela S. Paes Landim

Quando a Luz Entra 55

5

Emanuella S. Paes Landim

Onde o luxo reluz, a alma sangra 61



6

Fernanda da Silva Carvalho

Quarto de luz apagada.....85

7

Sthefany Souza de Abreu

A arte que respira..... 94

Jovens autoras.....98



PREFÁCIO

Ao ser o convidado para prefaciar esse livro *Letras Insurgentes — volume 2*, fiquei lisonjeado, pois o convite veio de pessoas muito especiais, sobre elas daqui a pouco falarei mais. Durante a leitura dos textos, invadiu-me o pensar de um grande desafio. Eu homem, negro e cisgênero como poderia prefaciar um livro escrito por mulheres cisgênero e trans? Claro que imediatamente pensei na expressão “Lugar de Fala” imortalizado pela pensadora Djamila Ribeiro, eu li este livro e mesmo não sendo mulher, enxerguei-me em muitos trechos, na postura arrogante dos professores acadêmicos e discurso eurocêntrico.

Como falava a grande pensadora Lelia Gonzalez, “euro estadunidense” os saberes colocados por nós são rotulados como se não tivesse relevância nenhuma, a validação do conhecimento e cultura advém necessariamente de um repertório construído de valorização da cultura branca, europeia superior a do Outro menor, incivilizado, assujeitado que só encontra espaço para o debate, quando reproduz vocabulário do “dominador”. Com todas as reflexões críticas, a autora, Djamila Ribeiro, não desabilita, o outro a falar, ou expressar sua opinião, mas destaca, contudo, que tenha humildade de expressá-lo com o indispensável exercício da empatia pelo outro(a).

Lembrei-me de um professor quando cursei especialização em História, Sociedade e Cultura, na PUCSP, Eduardo Antonio Bonzatto, em uma oficina trabalhou as temáticas sobre o negro (a) no Brasil, nomeada como



“Iconografia de Negros no Livro Didático”. Em algum momento, ele falou: “eu como homem branco, hétero e de olhos azuis, nunca vou saber na plenitude, o que é racismo, mas isso não impede que eu faça o exercício da empatia e estude mais para justamente combater algo tão abjeto.”

Pensando em todas essas questões, então respirei fundo e tomei coragem para então escrever estas linhas. Como colocado anteriormente, sou homem, negro e cisgênero, nascido em São Caetano do Sul-SP, embora, não tenha morado lá, filho de seu Francisco e dona Francisca (sim meus pais têm o mesmo nome) ambos do Piauí.

Meu pai veio de uma cidade chamada Ipiranga do Piauí e minha mãe de Campo Maior. Ela com 9 anos de idade saiu da casa dos pais para ser “criada pela madrinha” e aos 19 anos estava em São Paulo trabalhando como doméstica. Meu pai saiu do trabalho rural, em sua cidade para ser operário em São Paulo com 20 e poucos anos. Essas histórias guardadas em suas devidas proporções, são parecidas com as das famílias das autoras, pois são pessoas que migraram para a região do MATOPIBA, atrás de melhores condições de vida. Foram para Mimoso do Oeste, um distrito de Barreiras e que hoje é uma cidade rebatizada com o nome de Luís Eduardo Magalhães, estabelecida como um dos maiores polos do agronegócio do Brasil, a “capital do agro”.

Ao ver essas histórias que se cruzam fico pensando como a dita “prosperidade do capital” traz paradoxalmente consigo desalento, pobreza e ilusões nesses destinos diferentes de migração. Eu fruto da união de meu pai e minha mãe, junto com meu irmão vivemos todas as peripécias de sermos jovens negros e filhos de nordestinos na grande São Paulo, o racismo e o preconceitos foram constantes em



nossa vida. Eu não conhecia a Bahia ainda, mas por conta do sotaque herdado de minha família, eu era chamado de “baiano” (em São Paulo, todos os migrantes nordestinos são chamados de forma pejorativa de “baianos”).

Aos 11 anos fui morar numa favela, na cidade de Mauá no ABC Paulista, Jardim Oratório, antiga favela do INPS que depois ganhou o nome da escola ali situada, passando a ser chamada de E.E P. G Mahatma Gandhi. Eu tenho vontade de escrever um livro de memória com o seguinte título: “Oratório que não rezei e que Mauá nisso?”. Neste livro, pretendo narrar minhas vivências quando criança e jovem nas favelas: as descobertas da vida (despertar da primavera), a violência da polícia, dos criminosos locais e sobre a desvalorização das pessoas faveladas.

Ao ler a história escrita aqui vejo o quanto é importante ter pessoas que nos escutem, lembrei-me que na sétima série, hoje oitavo ano (Numa segunda escola que estudei na região E.E.P.S. Sada Umeizawa) - uma professora perguntou para nós: “Quem aqui tem vontade de fazer uma faculdade? – Todos levantaram a mão – Mas aí a professora falou: “Olha aqui onde vocês moram (a janela dava para favela) não há condições de fazer uma faculdade, façam um SENAI, pois há bastantes fábricas para trabalhar. Não sonhem com o que não pode se concretizar”..... Durante essa fala, vi em muitos colegas os brilhos dos olhos se apagando, por pensarem que por ela ser professora teria propriedade em nos indicar até onde poderíamos chegar como profissionais no futuro.

Em contrapartida, para mim a minha salvação veio da réplica crítica um outro professor, João Luís, que lecionava História. Ele ficou sabendo dessa conversa entre nós



e a professora, falou para gente que ninguém tinha o direito de tirar do outro a vontade de sonhar. Ele falou: “se quiséssemos ser pilotos de fórmula 1, astronautas, médicos, o que seja, ninguém poderia dizer o contrário”.

Eu tive oportunidade depois de formado em História afirmar o quanto aquelas palavras me inspiraram num longo trajeto por mim trilhado. Eu comecei cedo a trabalhar como feirante dos 15 aos 18 anos; depois como metalúrgico e estive desempregado por um período. Quando estava estudando para o vestibular, comecei a trabalhar como auxiliar de produção numa fábrica de margarina e então entrei no curso de licenciatura em História na UNESP, campus de Assis, daí em diante são outras histórias, que ficam para uma próxima.

A introdução desse meu percurso se cruza com as histórias aqui escritas neste livro, pelo menos nos aspectos sociais, raciais, de preconceitos e migração. Alguns desses marcadores sociais não foram ou são vivenciados por mim, mas aqui como sujeito prefaciador eu faço o exercício de empatia com as situações dolorosas reproduzidas pelas lógicas violentas do patriarcado, machismo, homofobia, transfobia, misoginia. Há aqui nesta coletânea do projeto Letras Insurgentes outras narrativas cheias de dores, sabores e saberes.

Minhas memórias trazem a lembrança de um dia quando voltando para casa após assistir a uma palestra do escritor Ferez, peguei um metrô onde havia um monte de pessoas, grande parte delas, estava de cabeça baixa, eu estava cansado em meio ao silêncio deste lugar pensei: “Há um mar de gente aqui e ao mesmo tempo um oceano de solidão”.



Vivemos em uma sociedade na qual a comunicação é tão facilitada, contudo ao recebermos um áudio, aceitaremos a velocidade da mensagem, ou nem escutamos. Pergunto-me às vezes quem deseja ler livros? Não escrevemos mais cartas.... Muitas vezes em celebrações familiares (Natal, Ano Novo entre outras datas comemorativas), as risadas soltas, brincadeiras e piadas foram substituídas por pessoas em silêncio com seus celulares, vidrados nas telas, em um universo distópico à parte que nem sei se existe.

Ao ler os contos colocados aqui, sem proselitismo, chamaram-me atenção a qualidade das escritas e profundidade dos assuntos abordados, questões subjetivas, mas tão concretas, com as quais aprendi muito. Se em outros momentos já pensei que as pessoas entram e saem da vida da gente sem pedir licença, deixando suas marcas, as escritas aqui também deixaram em mim cores indeléveis, criei as imagens das protagonistas, senti cheiros, senti ódio, senti amor, senti arrepios...

As organizadoras dos contos são duas sujeitas aguerridas: Allana e Carlana. A professora Carlana Faria Rocha, conheci na primeira turma do mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas Sociais – PPGCHS, na Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB, tive o privilégio de lecionar para ela o componente de Educação e Multiculturalismo, onde realizamos ricas trocas nas discussões dos temas que agora aparecem de forma potente nos contos. Ao ver que ela compôs o grupo que organizou essa coletânea, fiquei muito feliz, pois percebi que a teoria e prática se fundiram na materialização deste projeto tão relevante e inovador de incentivo à produção literária de jovens pessoas autoras.



Quanto a outra idealizadora do projeto Letras Insurgentes, Allana de Azevedo Trajano, deixo registrado minha profunda alegria em vê-la atuando na produção deste livro. Eu a conheço desde 2016, quando ela foi minha discente nos componentes de História das Áfricas I e II entre outras. Era um professor recém-chegado a UFOB, já faz nove anos. Naquele momento, Allana já se destacava com seu potencial de pesquisadora e estudante dedicada. Lembro-me de ter comentado sobre alguns livros de História Geral da África, ela me pediu o contato da então Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) do Ministério da Educação (MEC), e logo conseguiu alguns exemplares, me presenteando com um. As participações dela em sala de aula sempre foram enriquecedoras. Tempos depois, ela atuou como professora na mesma universidade, tornando-se nossa colega de trabalho no curso de Licenciatura e Bacharelado em História da UFOB, afirmou-se como professora de grandes contribuições.

Atualmente, estou tendo a oportunidade de acompanhar seu trabalho como professora da rede estadual da cidade de Luís Eduardo Magalhães, onde vem desenvolvendo um trabalho belíssimo com a capacitação na produção de filmes cujos roteiros debatem letramento racial crítico.

Encantei-me com este lindo trabalho: Letras Insurgentes. Eu tive a oportunidade também de ministrar uma aula em outro projeto idealizado pela professora Allana, no ano de 2024, que culminou com a produção do curta-metragem Resistência gera Existência. Na ocasião, tive a oportunidade de dialogar com uma turma de jovens



da Rede estadual da Bahia, majoritariamente composta por mulheres negras. Pensamos coletivamente nos grandes enfrentamentos do presente por um outro futuro de equidade. Comungamos da mesma opinião: o único caminho para verdadeira emancipação é a educação. Lembrei-me hoje ao escrever este prefácio de um documentário da Revolução Moçambicana, denominado “Essas são as Armas”, que falava justamente que somente a educação como caminho para verdadeira revolução. Essas jovens pessoas autoras, com seus contos evidenciam que a juventude tem muito a dizer, as organizadoras demonstram que mesmo com os imensos desafios que o ensino enfrenta, é possível, sim, fazer a diferença, sair do mais do mesmo. Claro, que não quero glamourizar o sistema educacional brasileiro, pois o ensino público precisa de mais investimentos, reconhecimento da sociedade, infraestrutura e principalmente valorização dos seus docentes com salários mais atrativos e bom ambiente de trabalho.

Todavia, mesmo sem esses elementos, as pessoas envolvidas demonstram a capacidade transformadora. Embora, os contos colocados aqui tragam histórias “inconvenientes”, elas não deixam de me lembrar do saudoso pensador piauiense Negô Bispo: “vamos falar de nós ganhando, porque de nós perdendo eles já falam...”

Ler as escritas de autoras tão jovens, ainda no ensino médio com escritas tão potentes mostram a capacidade colocadas e vitoriosas, portanto é “falar de nós ganhando”. Quando falamos da cultura negra, sempre colocamos ancestralidades, grande parte das autoras aqui são negras, não tem como não pensar, nas escritoras Maria Firmina



dos Reis (considerada a primeira escritora negra brasileira), Carolina Maria de Jesus, tão comentada hoje, Conceição Evaristo, que dispensa apresentações e já peço desculpas pelas outras inúmeras escritoras negras não citadas aqui. Elas todas se pudessem ler essas obras literárias ficariam orgulhosas pelas escritas tão poéticas, espero que a Conceição Evaristo leia e se encante.

Boa leitura!!!

José Francisco dos Santos*

*

Historiador e docente do Departamento Acadêmico de Humanidades – DAHUM – UTFPR-AP e dos programas de Pós-graduação em História- PPGH, Ciências Humanas e Sociais – PPGCHS e de Ensino – PPGE, todos vinculados à UFOB. Trabalha com temáticas ligados a História das Áfricas, História e Cultura Afro-brasileira e Estudos das Relações Étnicos Raciais.



APRESENTAÇÃO

Receber o convite de Allana para apresentar o segundo volume da obra *Letras Insurgentes* me causou um misto de alegria e receio. Alegria pela confiança depositada em mim e por fazer parte desse projeto tão lindo e tão potente. Receio pela responsabilidade e pela obrigação de corresponder à expectativa e de dialogar com um trabalho tão importante.

Ao fazer a leitura dos contos, esses sentimentos foram se confundindo. Eles despertaram em mim o que acrediito que as leituras de literatura devem estimular no leitor: o envolvimento com o texto, as emoções que surgem com a leitura, as perguntas que fazemos sobre as personagens, a curiosidade de saber como surgiram as histórias, a não percepção da passagem do tempo enquanto estamos lendo...

E quando eu saía do texto e imaginava que diante de contos tão potentes, políticos e politizados, profundos, marcantes e expressivos, eu teria que fazer a apresentação deles, o frio na barriga voltava e eu postergava essa escrita. Em um dos contos, a personagem diz que teve vontade de escrever alguma coisa, mas a folha branca a intimidava, sem querer usurpar ou deturpar o conto e esse sentimento, muitas vezes senti essa intimidação.

Talvez essa insegurança tenha partido de duas questões: a primeira é a proposta do projeto e a segunda, a força das organizadoras. O livro é extremamente necessário. Precisamos falar de racismo, machismo, homofobia, transfobia, misoginia, sexism, classismo, das diversas



violências contra a mulher, de violências que nos atravessam diariamente. Mas são temas sensíveis e não estar em todos esses lugares de fala, muitas vezes nos causam receio ao nos debruçarmos sobre eles. Sobre as organizadoras, tenho uma enorme admiração e respeito por elas.

Carlana é uma referência na docência em Barreiras. Ouvia seu nome antes mesmo de conhecê-la. Depois, nos encontramos algumas vezes em atividades acadêmicas e educacionais, nos corredores da UFOB. Allana é uma referência nos cursos de História e na história da UFOB. Fiz parte da sua banca de TCC e se já a admirava muito enquanto estudante e pessoa, essa admiração aumentou em relação à profissional que se tornou. São referências importantes!

O livro é resultado de um projeto belíssimo desenvolvido por Allana e Carlana – há até rima – e é um trabalho inspirador! É a educação transformando vidas! Esse é um livro que causa inquietação, esse é o papel de toda insurgência. Os contos, as personagens e as narrativas nos incomodam, seja por partilharmos de algumas vivências, seja pelas sensações de que somos acometidas pela leitura, pois os textos emocionam. Ora o sentimento é de raiva, ora de dor, ora de compaixão e, muitas vezes, de alegria pela superação. É um trabalho lindo e carregado de poesia e beleza, ainda que estampado de realidades muitas vezes dolorosas.

“Somos feministas que conjugam verbos para a construção de uma desobediência criativa ao patriarcado e suas tramas”, escrevem Debora Diniz e Ivone Gebara na Introdução do livro Esperança feminista (p. 9). Acredito que as narrativas aqui constroem essa desobediência criativa de enfrentamento ao racismo, machismo, misoginia, transfobia, homofobia, classismo e todas as formas de violências



aos grupos que fogem ao padrão cisgenderonormativo branco e patriarcal. Essa interseccionalidade que muitas vezes fere em diversas camadas, uma encruzilhada de luta e de enfrentamento...

Quando é incentivado nessas meninas a possibilidade da escrita e, posteriormente, da publicação desses escritos, há uma valorização de suas histórias, suas identidades e de suas capacidades. Esse estímulo reforça a coragem dessas meninas, pois escrever histórias insurgentes requer coragem. É necessário transformar dor em força e medo em coragem. Surgindo, desse processo, o empoderamento dessas adolescentes. E empoderar-se exige resistência, autoafirmação e transformação individual e coletiva.

Em um dos textos há a seguinte mensagem: “a arte é a voz dos silenciados”. Esse livro é arte, carregado de simbolismo e de afeto, de enfrentamentos e de partilhas, “partilha que subverte o poder”, para citar novamente Diniz e Gerbara (p. 205); é arte viva, são palavras que ecoam caminhos possíveis, ainda que atravessadas por memórias um tanto doloridas, por vivências e sobrevivências. Parafraseando um dos textos: A escrita pode salvar vidas, portanto, meninas, continuem escrevendo... Não deixem de sonhar...

Desejo que a leitora e o leitor desses textos possam se emocionar também, transformando essa experiência em atitudes contra todas as formas de opressão e violência. Vida longa ao Letras Insurgentes! Boa leitura!

Vanessa Magalhães da Silva*

* Historiadora, docente dos cursos de História da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Doutoranda em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).



REFERÊNCIA

DINIZ, Debora; GERBARA, Ivone. **Esperança feminista.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

CAMINHOS

A Allana que escreve estas linhas já não é a mesma que acompanhou o nascimento do primeiro volume do *Letras Insurgentes*. Se antes a experiência se apresentava como um projeto experimental, hoje está consolidada como um processo vivo, transformador tanto para as cursistas quanto para mim. O que começou como um desejo de abrir espaço para a palavra insurgente tornou-se, de fato, um território de resistência e criação coletiva.

Chegar à finalização do *Livro 2* é carregar a sensação de dever cumprido. Ao todo, são sete contos escritos por adolescentes — todas meninas, todas estudantes da rede básica pública de Luís Eduardo Magalhães. Esse dado, aparentemente simples, traz em si uma força simbólica imensa: meninas ousando escrever em uma cidade marcada por conservadorismos, violências veladas e desigualdades de gênero, raça e classe.

Retornei, neste percurso, às autoras que também atravessam minhas atuais pesquisas acadêmica: Judith Butler (2017), quando nos lembra da sujeição e das formas de poder que tentam regular a vida; Carla Akotirene (2019), uma leitura indispensável sobre interseccionalidade; Bell hooks (2013), ensina-nos que educar é também transgredir; além de Paulo Freire (1989), traz a imprescindível provocação: a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Foram essas e muitas vozes que ecoaram nas salas de aula, intervalos, silêncios e nos textos.



Se o primeiro livro já foi a prova de que a palavra rompe cercas, este segundo mostra que ela cria caminhos. Os textos aqui reunidos não apenas narram histórias, mas afirmam existências. A escrita foi exercício de autonomia, gesto de coragem e, muitas vezes, de enfrentamento a contextos que insistem em invisibilizar meninas, sobretudo quando negras, pobres e da periferia.

Houve dificuldades: desistências forçadas pela necessidade de trabalhar, inseguranças de quem se arriscava pela primeira vez na ficção, e até questionamentos externos sobre “o que meninas tão jovens teriam a dizer”. Mas cada uma das páginas que compõem esta coletânea são respostas: elas têm muito a dizer. Elas, as autoras, narram com muito sensibilidade, força e criatividade.

O *Letras Insurgentes* continua fincando os pés em solo fértil e árido ao mesmo tempo. Luís Eduardo Magalhães se vende como polo de desenvolvimento e riqueza, mas as contradições sociais saltam aos olhos. É nesse espaço que a palavra insurgente se ergue — denunciando, criando, *reexistindo*.

Este volume não encerra um ciclo, mas abre novos e é testemunho de como a literatura pode ser ferramenta de resistência e também de sonho. Mais do que contos, são vozes que se entrelaçam e anunciam um futuro no qual escrever é existir por inteiro.

Luís Eduardo Magalhães, 1º de outubro de 2025

Allana de Azevedo Trajano



REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Ana Luiza Dantas Bastos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

INTRODUÇÃO

Sete contos. Sete vozes ainda em idade escolar, mas já antigas no gesto de resistir. Este segundo volume do *Letras Insurgentes* nasce da sala de aula e da rua, da experiência de meninas de escolas públicas de Luís Eduardo Magalhães que escreveram, com a precisão de quem vive, narrativas sobre racismo, classismo, violência de gênero, transfobia, luto, cuidado, amizade, arte e futuro. Há aqui o exercício de transformar ferida em linguagem e, como lembra Paulo Freire, de reconhecer que a leitura da palavra é também a leitura do mundo; quando essas jovens escrevem, reescrevem as bordas do que lhes foi permitido dizer.

O gesto é político, mas também profundamente poético. Se no primeiro livro demarcarmos “Origem e Caminhos” como trilha metodológica e afetiva, neste segundo a trilha se adensa: o caminho agora é coro. Ao lado da contrapalavra que bell hooks chama de “prática da liberdade”, as autoras ativam um repertório que cruza experiência e reflexão inscrevem-se num legado de mulheres que fazem da escrita não um adorno, mas um instrumento de existência. A palavra, aqui, não é ornamento: é abrigo, denúncia e projeto.

É simbólico, e não acidental, que este volume reúna apenas adolescentes. Em uma cidade que se apresenta como polo de oportunidades, mas que guarda as rotinas de exclusão sob uma normalidade bem-comportada, são elas que deslocam o centro. A força dos textos confirma algo que a teoria aponta e a prática comprova: vozes antes silenciadas falam, e, quando falam, revelam as fissuras de nosso comum. A intersecção entre gênero, raça, classe e território — conceito trabalhado por Carla Akotirene a partir



de Kimberlé Crenshaw — aparece aqui não como citação, mas como vida concreta: escolhas escolares atravessadas por racismo, amores vigiados por moral seletiva, casas que silenciam, corpos que insistem.

Cada conto abre uma janela. Em “Sonhos e desafios”, de Amanda Victória, a narrativa de uma jovem negra que enfrenta expectativas desiguais e violências simbólicas disputa o imaginário de sucesso: mérito com cuidado, autonomia com comunidade. Em “Código de sobrevivência”, Ana Júlia constrói uma arquitetura narrativa de grande fôlego, onde tecnologia, redes de apoio e maternidade se entrelaçam para reprogramar destinos possíveis — porque sobreviver também é uma forma de inventar o amanhã. Antonella, em “Club 14 Z”, tensiona o espetáculo e a cidade, a manipulação dos olhares e o racismo estrutural que define culpados antes dos fatos; o conto não oferece alívio fácil, mas oferece lucidez. Em “Quando a luz entra”, Daniela ficcionaliza um passado recente para lembrar que a história social brasileira — marcada pela violência transfóbica, pela ausência de políticas públicas e pela estigmatização no auge da epidemia de HIV — não é cenário: é biografia de muitas. “Onde o luxo reluz, a alma sangra”, de Emanuella, desnuda os mecanismos do controle doméstico e da classe — onde luxo e afeto seguem trajetórias que raramente se cruzam — e propõe, ao fim, um outro tipo de herança: a do cuidado. Em “Quarto de luz apagada”, Fernanda oferece uma peça de precisão minimalista: um monólogo de acendimentos, onde a vela é um método, tempo e retorno a si. Por fim, “A arte que respira”, de Sthefany, transforma a escola em ateliê político, e a arte em tecnologia de sobrevivência coletiva: quando um lápis muda de mão, uma cidade aprende a ver.



Este livro não pretende falar “por” ninguém. Ele amplifica vozes e, ao fazê-lo, reivindica que a literatura nas escolas públicas é não só possível, mas necessária: política pública de cultura e educação em seu estado mais vivo. O caminho pedagógico que acompanhamos: oficinas, leituras, reescritas, escuta e devolutivas, teve menos a ver com “técnicas” de escrita e mais com criar condições de enunciação: tempo, silêncio, companhia e a confiança de que o que se escreve importa. O resultado não é um conjunto “sobre” juventude: é um livro de juventudes, com a densidade de quem já se sabe sujeito de história.

Do ponto de vista ético-editorial, mantivemos duas escolhas centrais:

Avisos de conteúdo quando necessário, sem ceder a *spoilers*, por entendermos que o pacto de leitura começa no cuidado;

Respeito ao estilo de cada autora, realizando apenas correções e ajustes de fluência, a lapidação que preserva a pedra e o brilho.

Se a crítica por vezes pergunta “onde está a esperança?”, ela está nos modos de fazer: no mutirão de revisão, na conversa entre colegas, na professora que segura a primeira versão com delicadeza, na família que volta a ler junto, no coletivo que nasce ao redor de um mural ou de um aplicativo. Esperança, aqui, não é otimismo ingênuo: é obra. É como programar, bordar, ensaiar, iterar, testar, cair, levantar. É o que estas páginas exibem.

A quem chega agora, convidamos a ler com o corpo inteiro. As histórias podem doer e, justamente por isso, podem curar. Atravessam violências, mas não se deixam



reduzir a elas; afirmam projetos, mas não apagam ambivalências. São contos escritos por quem ainda está chegando à vida adulta e, mesmo assim, já entendeu o essencial: ninguém escreve só com a mão. Escreve-se com bairro, escola, ônibus, fila do posto, sala de aula, hashtags, risos, perdas e futuros.

Que este livro 2 se some ao primeiro como quem alarga a roda: mais autoras, mais mundos, mais perguntas. E que sirva, também, de convite a outras escolas, outros territórios, outras turmas, para que sigamos praticando a palavra como direito e como prática da liberdade. Porque, como as próprias autoras demonstram, a língua do porvir se aprende escrevendo.

Boa leitura.

Allana de Azevedo Trajano

1

Amanda Victória dos Santos Lima

SONHOS E DESAFIOS

ONDE TUDO COMEÇOU

No dia 02 de maio, na cidade de Itaité, Bahia, nasceu uma menina chamada Victória — de olhos verdes, cabelos lisos e castanhos, e um sorriso encantador. Aquele foi um dia especial, marcado pela emoção transbordante dos pais e avós. A felicidade estava estampada no rosto de cada um. Seu pai mal conseguia conter a euforia e quase correu pelos corredores do hospital. A mãe não queria se afastar da filha nem por um segundo. Já os avós mal podiam esperar para levar a pequena para casa.

Desde muito cedo, Victória chamava atenção por sua beleza. Sua mãe e seu pai sempre a cercaram de amor, cuidado e carinho.

Logo após seu nascimento, seus pais decidiram mudar de cidade, mudando-se para Iramaia, também na Bahia. Lá, essa garota continuava atraindo olhares, agora não só pela aparência, mas também por sua educação e delicadeza no trato com todos. Além desse comportamento gentil, era inteligente, dedicada aos estudos, e desde nova sonhava em ser dentista. Costumava repetir que achava lindo o sorriso das pessoas — e por isso queria trabalhar para que todos pudessem sorrir com confiança.

“O sorriso é uma forma tão bonita de cumprimentar alguém, de dizer ‘obrigado’ sem palavras” — dizia ela.

Com o tempo, seus pais decidiram se mudar mais uma vez, agora para São Paulo, em busca de um futuro melhor para a filha. A mudança foi difícil para Victória, pois estava deixando para trás os avós e os familiares com quem tinha



laços profundos. Despediu-se com um abraço apertado e, durante toda a viagem, chorou silenciosamente no banco traseiro do carro, porque sentia muito o peso da partida.

Aos 17 anos, já morando em São Paulo, começou a trabalhar para ajudar os pais. A adaptação à nova cidade não foi fácil. Apesar da rotina apertada, ela mantinha o foco: fazia academia, estudava para o vestibular de odontologia, ou seja, esforçava-se diariamente. Ela era solteira e por isso, constantemente, questionavam por que não namorava. Ela sempre respondia com serenidade: não era o momento — seu foco estava nos estudos.

Victória trabalhava em um escritório agrícola, logo se destacando pela dedicação e profissionalismo. Sempre dava o seu melhor. Mas será que seu esforço era verdadeiramente reconhecido?

Sua rotina era exaustiva: estudava pela manhã em uma escola pública, trabalhava à tarde, fazia academia à noite e, ao chegar em casa, ainda encontrava energia para estudar. Nos finais de semana, gostava de estar com os pais e sair com os amigos — um respiro merecido em meio às maratonas diárias.

NUNCA SOMOS ENTENDIDAS

Como será a mente de uma adolescente? O que será que pensam? Por que a mudança de humor tão rápida? Por que nunca estão satisfeitas?



Nós, garotas adolescentes, nunca somos verdadeiramente compreendidas. Os adultos vivem nos questionando, mas raramente tentam entender de fato o que estamos sentindo. Não perguntam o que está acontecendo — só julgam e apontam. E assim seguimos, nos sentindo na solidão.

Victória estava em casa, deitada em sua cama, olhando o teto, perdida em pensamentos.

O que será que eles querem de mim? Por que esperam que eu saiba o que fazer o tempo todo? Será que eu não posso errar? Só tenho dezessete anos...

Cansada de guardar tudo para si, ela se levantou, pegou seu diário e começou a escrever:

Por que eu sempre tenho que saber como agir? Vejo tantos caras fazendo besteira e ninguém diz nada. Tomam decisões erradas, falam o que querem, mas saem impunes, comigo é diferente, pois eu não posso errar, nem hesitar.

Tenho que saber que faculdade quero, além de ser perfeita em tudo.

E o pior são os comentários.

“Por que uma moça tão bonita não namora?”

“Você devia arranjar um cara rico, alguém que te dê tudo que quiser.”

Sério? Essa ideia sempre me irrita profundamente. Eu quero estudar, construir meu próprio futuro e não quero depender de homem nenhum para conquistar o que é e será meu. Ninguém acredita que eu sou capaz de conseguir tudo sozinha?



Eu só queria fugir.

Ninguém pergunta quais são meus reais desejos. Às vezes, tudo que eu queria era sumir por um tempo e ir para a natureza, meu lugar favorito, deitar à beira do rio sem pensar no amanhã, fechar os olhos e me conectar com o som da água, com o vento, com os pássaros... lá, sim, eu sinto paz.

Mas parece que não tenho espaço em lugar nenhum.

Em casa, preciso saber fazer tudo: lavar, passar, cozinhar, ter um plano de vida, escolher a faculdade certa... E as cobranças são sempre as mesmas: “Qual sua nota final?”, “Está estudando o suficiente?”, mas nunca me perguntam: “Como foi seu dia?”, “Quais suas dificuldades na escola?”, “Você está bem?”

No fundo, já estou me acostumando e desisti de tentar entender os adultos. Não os culpo, afinal, trabalham tanto para vivermos dignamente... e quando podem, ainda tentam passar um tempo de qualidade comigo. É contraditória esta sensação: às vezes, mesmo quando estão por perto, existo como se ninguém me visse.

No trabalho, lido com piadas machistas e preconceituosas.

“Você é tão inteligente... para ser uma mulher.”

“Isso é coisa de homem, você não vai saber fazer.”

E quando foi que inventaram esse manual de instruções dizendo o que mulheres podem ou não podem fazer?



Uma vez me chamaram de preta de alma branca.

Chorei até soluçar naquela noite, senti raiva, frustração, vergonha... Mas guardei tudo para mim, pois aprendi a não revidar, engolindo o choro.

E o pior? Questionei o porquê daquele comentário. Eles riram ao responder:

— “Você é mulher, você não entraria.”

Eu senti vontade de gritar, quebrar tudo, mas mantive a calma. Reclamar pra quê? Já sei o final: vão dizer que eu entendi errado, sempre dizem isso.

Na escola, também não é diferente. Já ouvi que não precisava estudar tanto para entrar numa faculdade, porque “sou uma negra bonita”. Para mim, isso soa como se beleza anulasse minha inteligência e eu só pudesse vencer por sorte ou aparência, mas eu tenho capacidade, tenho garra. Às vezes, pergunto-me por que nunca consigo relaxar... e acho que encontrei a resposta: eu me sinto assim, tensa, pois eu sempre preciso provar que sou capaz.

As pessoas estão sempre observando, esperando que eu dê conta de tudo. Enquanto os meninos podem errar — afinal, “são jovens” —, eu, mulher, tenho que ser madura, responsável e exemplar.

Por que é assim? Por que, sendo mulher, tenho que ser mais responsável do que um homem da minha idade? Eles não precisam crescer também?

PASSANDO POR ISSO MAIS UMA VEZ

Hoje foi mais um daqueles dias.

Mal cheguei à escola e já tive que lidar com comentários que me deixaram com o estômago revirado. Uma colega de sala — se é que posso chamá-la assim — disse que eu era uma “falsa preta”. Tentei entender o que ela queria dizer com isso ao perguntá-la o motivo deste rótulo, a resposta veio como uma bofetada:

“Porque você deu sorte de não nascer com cabelo ruim, o seu cabelo é liso, é cabelo bom.”

Na hora, senti o sangue ferver. Lembrei dos conselhos dos meus pais, que sempre me ensinaram a ignorar esse tipo de coisa, mas dessa vez... não deu. Eu estava tremendo de raiva. Respirando fundo, respondi:

– Então só porque tenho cabelo liso, não sou negra? O que você chama de cabelo ruim, afinal?

Ela deu um sorriso cínico e devolveu:

– Calma! Eu só estava te elogiando. Bem que dizem que essa raça é ignorante. Vocês quilombolas são todos iguais, por isso moram na favela.

Eu mal conseguia acreditar no que estava ouvindo.

– Em primeiro lugar, quem disse que eu moro na favela? Alguma vez você foi a minha casa?



Em segundo, isso não é um elogio, é um comentário preconceituoso. Você ao menos sabe o que foram e são os quilombolas?

(Nessa hora, minha voz já estava elevada, quase gritando de tanta indignação.)

Mas a conversa foi interrompida pela chegada da professora e mais uma vez, tive que engolir a raiva, me calar. Não queria arrumar confusão, então deixei pra lá de novo.

As pessoas dizem o que querem, sem medir as consequências, mas eu não, porque eu, intimamente, sinto que não posso. Eu aprendi, desde cedo, que dificilmente vão acreditar em mim e essa é uma verdade dura de aceitar.

Tenho que engolir o que sinto, esconder minha revolta, fingir que está tudo bem. Como se ser forte significasse suportar calada, como se expressar minha dor fosse sinônimo de fraqueza — ou pior, de exagero. Só que guardar tudo sempre me machuca e pesa.

Hoje, mais do que nunca, eu queria poder gritar.

TODOS TÊM UM FINAL FELIZ?

Querido diário,

Dez anos se passaram.

Hoje, voltei a escrever em você, meu companheiro silencioso, confidente de tantos momentos. Eu mal consigo acreditar, mas... eu consegui. Formei-me em Odontologia,



e mais que isso: sou especialista em Ortodontia. Passei em primeiro lugar em uma prova disputadíssima — cem candidatos; dez aprovados, mas lá estava o meu nome, no topo da lista.

Abri minha própria clínica, sim é minha. Com esforço, noites insônes, e muita fé de que eu era capaz, tornei-me referência, uma das melhores do Brasil em minha área.

Mas, sabe, diário... Mesmo com todas essas conquistas, ainda dói. A dor não foi embora com o tempo, apenas mudou de lugar. Tornou-se mais silenciosa, às vezes lateja, às vezes apenas observa. A dor de ter sido desacreditada, invisibilizada, diminuída. A dor de ter ouvido tantas vezes que eu não era suficiente, ou que só seria alguém se me apoiasse em um homem. A dor de ver que meus erros eram imperdoáveis, enquanto outros — por serem homens, brancos, ricos — podiam errar sem serem cobrados.

Essas lembranças moram em mim. Não como rancor, mas como memória viva da estrada difícil que trilhei. Eu sou o que sou porque resisti, escrevi e porque, mesmo nos dias quando queria sumir, fiquei e lutei.

Aprendi que finais felizes não são aqueles perfeitos dos filmes. Finais felizes são construídos com coragem. E, mesmo que a felicidade não venha inteira e venha com rachaduras, cicatrizes e pausas de silêncio... ela ainda assim é felicidade, porque é minha e é real.

E se hoje posso sorrir com plenitude — e fazer os outros sorrirem também —, é porque enfrentei todas as dores sem deixar que elas me apagasse.



Ainda estou aqui.

Ainda sou eu.

E isso... é o bastante.

Com amor,

Victória

?

Ana Júlia Barreto Kunzler

CÓDIGO DE SOBREVIVÊNCIA

ALERTA DE CONTEÚDO

Este conto aborda violência doméstica, abuso sexual, racismo, preconceito, agressões físicas e psicológicas, além de situações de luto e perda.

A leitura pode ser sensível ou desencadeadora de lembranças dolorosas. Se em algum momento você se sentir desconfortável, considere fazer uma pausa ou interromper a leitura.

PORTA GIRATÓRIA

Na sede da Brandão Tech, a porta giratória desliza em vidro e silêncio caro. Eu com dezenove anos, faixa de flor no cabelo, currículo enxuto e duas irmãs em casa — respirei fundo antes de atravessar até a recepção. A atendente me olha de cima a baixo, como se eu fosse um erro de compilação prestes a travar o sistema. Sorrio assim mesmo, pois não vim pedir gentileza — vim buscar um emprego.

A entrevista acontece numa sala gelada. A mulher ergue a sobrancelha, tamborila a caneta contra a mesa, soltando um suspiro que mais parece sentença a uma dúvida.

- Temos vaga de apoio ao gerente. — pausa curta. — secretária do Tomas Brandão.

Ela pronuncia “Tomas” como quem beija um anel, assino o contrato com a mão firme.

Meu nome é Olga, sou uma Mulher negra, filha da roça e da periferia. Programadora sem vitrine, mas com lógica na ponta dos dedos. A vaga não é de desenvolvedora, mas eu sei esperar: enquanto não me dão código, memorizo os corredores.

O “príncipe” chega ao meio-dia: tem vinte anos, é alto, usa uma camisa impecável, tens os tons castanhos nos cabelos, e a cor azul nos olhos. Tomas me olha por cima, apontando a mesa para despejar instruções:

- Agenda, ligações, follow-ups, reuniões e pontualidade. — Só então me encara de frente, como quem avalia um monitor recém-comprado. — Bem-vinda.



No banheiro, na hora do almoço, as vozes me obrigam a repreender a respirar:

- Não sei por que colocam negra aqui.
- Devia voltar para África.

Sou brasileira, filha do bairro, filha de uma mãe cansada e de um pai morto em uma “trocação de tiros”. Antes que eu responda, uma voz surge de outra cabine:

- Não ligue não, são babacas.

A porta abre e uma moça de olhos vivos e sorriso imediato me encara.

- Ana, cheguei nesta semana e você?
- Olga. — digo, e é como se dissesse “socorro”.

Na cobertura, o vento bagunça o meu medo, almoçamos juntas e ficamos amigas antes que o café esfriasse.

ROTONDA, RUÍDO

Trabalhar para Tomas é um jogo de regras simples: ele pede, eu entrego. Os pais dele aparecem de vez em quando, dois vultos de porão, frios até no sorriso. Os corredores cochicham, e o cochicho tem cor, pois eu sou a única funcionária preta ali, a única que, para alguns, “não deveria estar”.

Não é só racismo, é método: comentários em voz baixa, risos sincronizados, elogios que vêm com farpas escondidas. Eu me finjo de pedra, mas, por dentro, arquivo

cada ofensa, como quem nomeia variáveis de códigos: ira, cansaço, fome.

Aos poucos, Tomas fala de si. Não é tão príncipe quanto dizem, nem tão monstro quanto aparenta. Existe ali um rapaz que cozinha bem e obedece demais, jovem moldado pelo peso do sobrenome.

Um dia, um desenvolvedor precisou ir embora às pressas porque o filho adoeceu, enfim, sobra uma brecha.

— Sente aqui — diz o líder do squad. — corrija estes handlers.

Eu me sento. Ao fim do dia, os dedos ardem, mas o app compila com a tela confirmando que meu código respira.

O andar já está quase vazio quando Tomas aparece:

— Ainda aqui? — pergunta, meio surpreso.

Ele me convida para comer um lanche e me levar para casa. Eu aceito, pois fome também é algoritmo.

No portão, o mundo me lembra de onde venho. Minha mãe corre, chinelo no pé, olhos marejados. Meu padrasto, cambaleando, garrafa quebrada na mão, vem para cima de mim. A lembrança do meu pai morto em “trocação de tiros” corta meu peito como lâmina. Tomas dá um passo à frente dando um soco e o homem tomba. A rua inteira gira em silêncio pesado.

Aproveito a fresta.

— Ana! — ligo, voz trêmula. — Me recebe?

A cidade inteira cabe no banco do carona. Tomas dirige em silêncio, odeio o olhar de pena, então falo:

- Ele me odeia, porque me pareço com o meu pai e existo. Minhas irmãs têm quatorze e sete. Minha mãe... — não terminou.

Ana abre a porta com o abraço certo. A noite é comprida e no colchão emprestado, a palavra fuga finalmente dorme.

CASA DE PRAIA

Os dias com Ana ganham cor: macarrão improvisado, filmes bobos, gargalhadas que cicatrizam. O apartamento cheira à vida simples, e o riso dela me lembra que existir pode ser leve. Tomas aparece às vezes; traz jogo, bolo, cuidado. Gosto dele com medo de gostar — como quem segura um fósforo aceso perto de um barril de gasolina.

Na empresa, sigo como secretária; no intervalo, rascunho um app que conecte mulheres em risco a redes de apoio. Ana opina, rabisca, suspira. A ideia é maior que minhas forças, mas a grandeza também se aprende, mesmo aos tropeços.

Numa segunda-feira, Tomas me chama em sua sala:

- Eu te libero uma hora mais cedo, então, venha comigo pra casa de praia da família.

Antecipando meu susto, completa:



— Estão viajando é só a gente.

Eu vou. Ana me empresta um vestido vinho, que parece me reconhecer no espelho — uma versão de mim que eu ainda não sabia da existência. Tomas chega com flores. No carro, ele cheira a shampoo caro e hesitação.

A casa tem madeira clara, corredores de eco, e uma mesa posta com velas. Ele cozinha pra mim: almôndegas e massa, a cena de um desenho antigo que eu amava na infância. Rimos da coincidência quando o espaguete decide nos beijar. Depois, silêncio. mãos e um quarto. Eu tremo, mas não fujo. O corpo aprende, com cuidado, uma nova gramática do toque.

A manhã traz panquecas, café passado, e um “bom dia, amor”. Levo esse brilho escondido até o ônibus, como quem esconde um tesouro no bolso.

No trabalho, a mãe de Tomas me convoca à sala dizendo:

— Dizem que ajudou num projeto.

Eu respondi: -analisei. — O meio-sorriso não chega aos olhos.

Ela responde — Vai continuar, mas qualquer erro, rua.

Eu digo: _ “sim, senhora”, mas saio com a sensação de que a bênção tem dono — e que minha presença ali é empréstimo, não direito.

No corredor, um porta-retratos caído me chama, eu o recolho e endireito. Os Brandão posam diante do mar, na cena há os avós, pais e Tomas, um casal e uma menina.



Num canto, uma mulher sozinha. Penso que reconheço o que não deveria reconhecer, devolvo, então, ao lugar.

FOTOGRAFIA

À noite, Ana está no sofá, com o álbum aberto sobre as pernas. A luz é pouca; a sala cheira à pipoca fria e a detergente — cheiros que agora me lembram abrigo. Chego devagar, tentando fazer do silêncio um gesto de respeito, e quando me aproximo reconheço a foto: a mesma imagem que vi na sala de reuniões. Ana tenta fechar o álbum, eu seguro a capa.

— Por que nunca me falou da sua família? — pergunto, sem querer que o tom vire acusação, mas ele cabe ali.

Ela respira fundo, demora um segundo que me parece uma eternidade.

— Aquela é minha tia — diz, a voz curta. — E... sim, o Tomas é meu primo.

Sento e o chão parece inclinar; uma vertigem antiga sobe pelo peito. A raiva vem, quente, com água nos olhos; mas o primeiro soco é outro — a sensação de sempre: a de não caber em nenhum lugar. Há mais que isso e eu sinto.

— Fale tudo, Ana — peço, e a urgência me surpreende.

Ela morde o lábio. As palavras saem como tiras arrancadas:



— Eu fugi de casa aos dezoito. Meu pai me batia... — a voz falha, encolhe. — e me abusou. Minha mãe não acreditou e minha tia foi quem me acolheu.

Abraço-a sem pensar; o abraço cabe como curativo, por um momento. Ela continua, mais baixo, como se viesse confessar um segredo que a própria família não poderia suportar.

— E tem outra coisa, Olga. — O som do meu nome na boca dela vira prece. — Sabe a história do seu pai? Não foi só uma “trocação de tiros”. O meu pai... ele mandou matar. Quando eu era pequena, fui dele. Um homem me ajudou — era seu pai e depois disso, o meu pai inventou que ele havia abusado de mim, meteu na polícia, e... — ela desaba. — e depois, ainda, mandou assassiná-los pra eu me calar.

O mundo se fecha num giro. Tudo gira e as paredes se aproximam, perco o ar e apago. Quando volto a mim, estou num hospital, soro na mão, cheiro de antisséptico na boca e um buraco novo dentro do peito que ninguém pode costurar.

— Quero ir pra minha casa — sussurro, mais pra mim do que pra ela.

Não quero a casa de Ana nem a casa dos Brandão; quero a minha, onde minha mãe e minhas irmãs me esperam sem flores, com o cansaço cotidiano que é ao menos humano. Quero voltar para o lugar que me pertence embora seja pequeno, desarrumado e cheio de contas. Quero um lar de gente, não um cenário de capas brilhantes.



bia

De manhã, Bia — com quatorze anos com olhos cheios de perguntas, puxa-me para o quarto, sussura:

- Promete que não conta pro pai? — juntando o mindinho no meu. — Acho que gosto de meninas. Uma amiga me beijou e eu gostei, é errado?
- Errado é o mundo que mente pra você — digo, seguindo o riso e o medo. — Como ela se chama?

O barulho da porta interrompe. Meu padrasto invade o quarto, espumando e gritando palavras tortas.

- Na minha casa não tem sapatão.

Eu me ponho na frente dela quando minha mãe chega. Empurro as duas pra rua e digo para Bia: _“corra pra escola”. Ele, o monstro, tropeça, apaga por um tempo, depois sai gritando:

_Vou buscar as meninas mais cedo.

Tempos depois, não as vejo chegando ao portão como sempre. Quando viro a esquina, o estampido me abre no meio. Minha mãe gritando, Sofia, a pequena, soluçando e Bia está no chão, com o coração furado a faca pelas mãos do pai.

Eu, que queria ser código de proteção, viro corpo que treme. Ligo para a ambulância, e para Ana. Ela chega com a polícia e a cidade vira corredor até o hospital. Bia não volta.

No velório, uma menina se aproxima de mim:



- Eu beijei ela, mas ela disse que não tinha problema. Então por que ela morreu?

Abraço, mentindo pra salvar uma criança:

- Não foi por isso.

Às vezes, mentir é a única forma de dizer a verdade mais funda: você não tem culpa.

O padrasto é preso e o meu mundo desaba num ponto de exclamação.

O EMPURRÃO

Voltei ao trabalho com o luto estampado como crachá. Vomitei por dias, sempre dizendo a mim mesma que era apenas o estresse, até que o papel frio do posto de saúde imprimiu outra palavra: grávida. Estava com seis semanas e minha mãe sorriu como quem recebia uma notícia de esperança. Sofia com os olhos grandes de curiosidade, abraçou minha barriga e decretou:

- Vai se chamar Bia.

Chorei devagar, como quem ainda não entende se o choro é dor ou promessa.

Decidi contar a Tomas e pedi que Ana estivesse comigo. A sala de reuniões cheirava a ar-condicionado e formalidade quando falei, simples:

- Estou grávida.

O rosto dele empalideceu e sem dizer nada, saiu. Fiquei no corredor, e atrás da porta ouvi a sentença da mãe dele:

- Ela te usou, golpe da barriga. Gente assim só quer o nosso dinheiro.

“Gente assim.” O pronome atravessou como lâmina. Subi para o terraço, chorei o que me permiti.

Tomas apareceu, sentando-se ao meu lado.

- Por que não me defendeu? — perguntei, a voz tremendo entre mágoa e incredulidade.
- Não posso ir contra minha mãe... — um fio de voz. — E... por que não me disse que não tomava remédio? Foi um erro.
- Erro? — a palavra pesou como ferro quente.
- O bebê. — Ele baixou os olhos. — A minha imagem...

Levantei e o nojo veio antes de qualquer resposta.

Na escada, a mãe dele surgiu. Entre o empurra-empurra dos dois, a mão de Tomas me tocou e eu caí. Não foi queda grande, mas a claridade estourou diante dos meus olhos e gritei o nome de Ana.

No hospital, a notícia: a bebê resistiu. Respirei fundo e senti que, naquela mesma hora, algo em mim também se reerguia. No mesmo dia pedi demissão e bloqueei o Tomas.

Quem escolhe a vida aprende a ir embora rápido.



RECONSTRUÇÃO

A casa de Ana virou abrigo — paredes que antes eram só tijolo agora sustentavam também o meu silêncio, o choro de madrugada e, aos poucos, a tentativa de respirar de novo. Minha mãe arrumou serviço de faxina no prédio ao lado; voltava cansada, mas aliviada por ter um sustento. Sofia, ainda pequena, transformava dor em desenho: riscava viaturas no papel e dizia que ia prender homens que machucavam mulheres. Era como se ela prometesse justiça com lápis de cor.

O luto encontrou lugar para pousar, mas dentro de mim a depressão caminhava lenta, com passos pesados. Entre consultas médicas e noites insônes, Ana insistia, paciente:

— Escreve.

Comecei a escrever primeiro para a Sofia dormir. Histórias inventadas, mas que guardavam pedaços de verdade. Depois, escrevi para mim, para não enlouquecer. Foi assim que a tia de Ana, editora de coração generoso, leu minhas palavras e decidiu enviar a algumas casas editoras. Logo o dinheiro começou a pingar em pequenas parcelas, e aquela escrita que nasceu da dor se transformou em sobrevivência.

Nas madrugadas, programava pequenos protótipos do aplicativo que imaginei no meu primeiro susto: um botão de emergência capaz de abrir rotas de fuga, criar redes de apoio, acionar vizinhas, primas, amigas. Batizei de S.O.S. Nós. As telas ainda eram toscas, códigos frágeis rabiscados entre contrações de ansiedade, mas já respiravam esperança.



Nunca mais ouvi falar de Tomas. A barriga crescia junto com a certeza de que quando o mundo quer, ele também cresce e dentro de mim, crescia não só uma vida, mas também uma força que eu ainda não sabia nomear.

EPÍLOGO

Minha filha nasce preta como eu, olhos de nascer do sol. Chamamos de Bia, como Sofia decidiu. Na certidão, meu nome e o da minha mãe, que agora ri sem medo do passado e das mãos que antes a feriam. A madrinha é Ana e o amor delas me devolve a língua.

Escrevo um livro, mas não é ajuste de contas: é ajuste de prumo. Conto a história sem esconder o sangue, mas oferecendo estas saídas: nomear a violência, romper o ciclo e construir rede. No prefácio, escrevo:

“Se você, mulher, estiver lendo isto com a sensação de que a culpa é sua, saiba: a culpa não é. Saia e no primeiro sinal de semáforo, procure suas Anas e se não tiver uma, me escreva que a gente fabrica.”

Sobre Tomas, deixo duas páginas, não para lembrar o beijo com espaguete, e sim para registrar o momento em que “imagem” pesou mais que “vida”. O que começa com flores e velas pode terminar com um empurrão, isso eu aprendi.

Do meu padrasto, não fico com o fim na cadeia — isso é notícia. Fico com a promessa que fiz à Bia, minha irmã: que eu seguiria viva por nós duas, escreveria e construiria o aplicativo. Desejo que as próximas meninas que confessarem um amor no quarto sem janela encontrem uma porta.



No fim da tarde, sento com Bia, minha filha, no colo e Sofia aos pés, ambas famintas de histórias.

— Mãe, conta a do botão que vira luz.

Euuento, enquanto a cidade lá fora segue com seus prédios de vidro e seus banheiros de sussurros. Aqui dentro, na minha casa aprendemos a acender as luzes de nossas existências para ascender aos lugares negados às mulheres pretas.

Se me perguntam como começou, digo: com uma faixa de flor, um elevador espelhado, um “bom dia” que antes não me pertencia. Se me perguntam como termina, respondo que não termina. Versões novas sempre saem, códigos de sobrevivência são assim — reescrevem, testam, falham, corrigem e ao iterarem nossas luzes, a gente aprende a viver.

3

Antonella da Silva Carvalho

CLUB 14 Z

JONAS

Infelizmente, esta é uma narrativa corriqueira nas ruas de São Paulo: as moças e rapazes saem para dançar e paquerar. Em uma dessas noites paulistas, acontecia uma festa cujo ingresso custava uma nota — mas diziam valer a pena.

Jonas era mecânico de mãos calejadas pelo ferro e graxa, mas com coração leve. Apaixonado por Maribel, a mulher clara como a neve, de nariz empinado e fama de cruel. Diziam que era fria, mas para ele cada traço do rosto dela parecia um convite impossível de ignorar.

Um dia, para sua surpresa, Maribel apareceu em sua oficina. O salto batia no cimento do chão como se fosse música.

— Você tem braços fortes — disse ela, olhando-o de cima a baixo.

Ele engoliu em seco, incapaz de acreditar que ela, tão distante, estava diante dele.

E como se não bastasse, ela lhe estendeu um ingresso para o Clube 14 Z:

— Hoje à noite, quero você lá.

O sorriso de Jonas iluminou a oficina inteira, capaz de aquecer até a sombra mais gelada.



O CLUBE

Às dezenove horas, Jonas já estava pronto. Vestiu a melhor roupa que tinha, sapatos engraxados, cabelo penteadinho com cuidado. Saiu de casa animado como uma criança em véspera de festa.

Mas ao chegar ao Clube 14 Z, percebeu que algo estava errado. As portas rangiam com o vento e o salão estava vazio. Só no palco tinha luz, um instinto lhe dizia para ir embora, mas o desejo de ver Maribel falava mais alto.

Chamou por ela uma vez, duas, três. Silêncio.

Então, do teto, começou a pingar uma tinta branca. Primeiro uma gota, depois várias, borrando seus sapatos simples. Jonas recuou, confuso, quando sentiu alguém atrás dele e rapidamente, virou-se.

Era Maribel, mas não era a mesma. O brilho do rosto dela havia se apagado, os cabelos loiros estavam secos e o olhar sombrio. Vestia um manto branco que deslizava pelo chão e atrás dela, surgiram outros rostos conhecidos — todos os que frequentavam o clube. Mas todos esses rostos pareciam diferentes, quase espectros.

O silêncio pesava como chumbo, Jonas tentou falar, mas sua voz se perdeu. Quanto mais Maribel se aproximava, mais um instinto gritava: “corra”. Ainda assim, ele ficou imóvel.

Viu algo afiado nas mãos dela e seu coração tremeu.



— Por quê? — sussurrou.

Nada, só silêncio.

Ela segurou sua mão, exibindo a faca. O frio daquele metal fez Jonas estremecer, mas o amor — ou o delírio do amor — não o deixou escapar.

Então Maribel retirou a faca e, sem hesitar, enfiou-a na garganta de cada uma das pessoas ao redor. Nenhuma delas resistiu, caíam uma a uma, como se já estivessem preparadas para morrer.

Por fim, com a mão manchada pela mesma tinta branca, Maribel tocou o rosto de Jonas, marcando-o. Ele recuou, escorregou no sangue, caiu ao chão. Do chão, ainda conseguiu ver esta cena: Maribel queimava fotografias.

As chamas revelavam imagens de crimes — corrupção, abusos, mentiras. Cada vítima carregava um passado sujo, e agora parecia entregar-se ao sacrifício, como se morrer como vítima fosse uma forma de redenção.

A última coisa que Jonas viu foi Maribel cravando a faca em si mesma, em um suicídio grotesco, e a escuridão o tomindo.

OS PAPÉIS INVERTIDOS

Quando acordou, as sirenes cortavam o ar e policiais o cercavam. O chão coberto de sangue, corpos espalhados. A faca, longe dele, mas quem acreditaria em sua inocência?

Ele era o único negro na sala dos mortos. Todos gritavam:

Massacre! Assassino.

— Foi ele! — repetiam.

Jonas implorou que acreditasse nele, repetindo:

— Eu não... eu não fiz nada!

Mas ninguém o ouviu. A sociedade não precisava de provas, pois bastava a cor da pele, bastava estar no lugar errado, na hora errada, apaixonado pela pessoa errada.

Jonas morreu em uma cela fria, condenado sem defesa, chorando por justiça. E seu grito ficou suspenso no ar, lembrando que o silêncio imposto também é uma forma de assassinato.

4

Daniela S. Paes Landim

**QUANDO
A LUZ ENTRA**

ALERTA DE CONTEÚDO

Este conto aborda violência transfóbica, violência doméstica, abuso sexual e exploração no trabalho sexual. Também faz referência ao contexto social da década de 1980, quando a ausência de políticas públicas e a epidemia do HIV impactaram fortemente a vida de travestis e transexuais no Brasil. A leitura pode ser sensível para algumas pessoas.

PORTA

1980, 21 de janeiro.

O céu estava nublado, como se a chuva que começava a cair já adivinhasse a tempestade que ocorria dentro de casa. Eu voltava do meu aniversário, tinha saído com algumas amigas da escola, conversando sobre maquiagem, penteados e sobre como eu me sentia. Ali, entre risadas e batons empresados, pela primeira vez pude dizer: eu não me identificava com o que esperavam de mim e elas me apoiaram.

Na porta de casa, antes mesmo de tocar a maçaneta, meu pai abriu. O olhar dele carregava mais decepção do que fúria, e ainda assim a raiva explodiu:

— Onde você estava? Eu e sua mãe esperamos o dia todo.

Respondi, tentando manter a calma:

— Comemorando meu aniversário com minhas amigas.

Ele puxou meu braço com violência, arrancou a sacola pendurada no meu pulso e espalhou na chuva os presentes: maquiagem e um vestido.

— Maquiagem, Marcos?! Você é um homem, não uma bichinha!

O nome morto me atravessou como faca. Antes que eu pudesse responder, fui jogada contra o chão de madeira, a escultura de leão da sala batendo nas minhas costelas. Senti os primeiros socos no rosto e um gosto de ferro inundou minha boca.

Minha mãe entrou correndo, tentando apartar:

— Pare, Antônio! Ele é só uma criança!

Mas quanto mais ela defendia, pior ficava. Lembro-me dela sendo empurrada, caindo. Eu, atordoada, só pensava que ali no chão frio, mesmo sangrando, meu medo era menor que no braço dele, o meu algoz.

PROCURA

Minha infância foi feita de cacos: bonecas quebradas, casinha destruída, mãe sendo castigada por tentar me proteger. Eu me calei, tentando ser o “filho” que ele queria, mas era impossível sufocar quem eu era.

Aos 17 anos, ao ganhar novamente maquiagem de presente, ele surtou. Expulsou-me de casa com a roupa do corpo e hematomas como lembrança. Naquele tempo, não havia Conselho Tutelar que me amparasse, nem políticas públicas para jovens LGBTs. Era 1980: o Brasil respirava o ar denso da ditadura recém-aberta, e travestis eram perseguidas pela polícia, associadas à prostituição, vistas como “ameaça moral”. Além disso, uma nova epidemia despicava — o HIV —, tratado não como questão de saúde, mas como estigma para corpos como o meu.

Passei a viver de favor na casa da minha amiga Angélica. Ela me recebia de noite, depois do trabalho, e eu passava os dias batendo em portas, tentando emprego. No mercado popular, ouvi do dono:



— Eu te vi se vestindo de mulherzinha na esquina, aqui não.

Descobri, ainda, que meu pai espalhara pela cidade que ninguém deveria me contratar. Voltei para casa de Angélica em prantos e ela me abraçou, repetindo que tudo daria certo. Foi ali, olhando a luz amarela do teto, que pensei que talvez só houvesse um caminho possível.

ESPELHO

Naquela noite, peguei minhas maquiagens e uma peruca comprada às pressas. Ao me olhar no espelho, vi algo inédito: eu mesma, completa, magnífica, Camila.

Fui até um bordel. O chefe me mediu de cima a baixo, zombeteiro:

— Por que eu deveria contratar alguém como você?

Respondi firme:

— Porque eu preciso disso como ninguém.

Entrei, vi drogas, homens ricos da cidade, outros apenas procurando onde despejar suas frustrações. O primeiro cliente tentou me agredir ao dizer que eu era um “fetiche”. Conseguí escapar, mas antes de ir embora, avisei:

— Eu volto amanhã.

Eu voltei, aquela rotina virou prisão: maquiagem pesada escondendo hematomas, dinheiro sujo pelas humilhações para comer e pagar aluguel, clientes violentos alternados com alguns “gentis”. Ao ir para cada programa, eu levava um objeto cortante na bolsa, pois medo era constante.



NEON

Entre neon vermelho e música alta, aprendi a rir junto das outras garotas para disfarçar o vazio. Muitas viviam com o terror do HIV, que se espalhava sem qualquer política pública de prevenção. O Estado só nos via como “grupo de risco”, nunca como vidas a proteger.

Foi nesse cenário que conheci Lucas Albuquerque, cliente de olhos azuis. Diferente dos outros, parecia cuidadoso. Por alguns meses, ele foi meu único porto seguro. Até que um dia, no quarto, sua doçura virou fúria: mãos no meu pescoço, declarações de amor confusas e agressão, até que apaguei sob golpes.

Acordei cercada pelas meninas do bordel, todas com os mesmos olhos cansados e marcados. Ali, entendi que não era só eu: vivíamos todas num ciclo que nos moía.

JANELA

Decidi sair, mas não foi fácil. Morei em quartos emprestados, dividi pão seco com Angélica, recusei voltar para casa mesmo com saudade da minha mãe, mas, pouco a pouco, reconstruí-me.

Hoje, quando abro a janela e deixo a luz entrar, sei que sobrevivi. Ainda sinto as cicatrizes latejarem quando escuto trovões ou gritos na rua, e também sei que cada marca no meu corpo é lembrança de que resisti. Eu não escolhi nascer num mundo que não me queria, mas escolhi não me render a ele, porém, finalmente, depois de tantos anos, a luz que atravessa minha janela não me atordoa, e sim me liberta.



5

Emanuella S. Paes Landim

ONDE O LUXO
RELUZ, A ALMA
SANGRA

TUDO O QUE O DINHEIRO NÃO TOCA

Talvez você conheça alguém como Bela. Uma pessoa que cresceu cercada de dinheiro, mas nunca de amor. Ela entendeu cedo demais que fortuna nenhuma compra abraço, e que até os palácios podem se tornar prisões.

Isabela, também conhecida como Bela nasceu envolta em seda e silêncio, como se o próprio destino tivesse preparado um cenário especial para recebê-la. Era o sonho realizado de Antônio, um fazendeiro de posses imensas, dono de terras que se perdiam de vista sob o sol do interior. Sua fortuna não apenas sustentava rebanhos e colheitas, mas erguia uma casa luxuosa, de colunas brancas e janelas altas, onde o mármore cintilava e os tapetes importados abafavam o som dos passos.

Anastasia, sua mãe, vivia como uma joia rara. Era a esposa-troféu, sempre adornada com vestidos caros, perfumes franceses e um olhar treinado para posar nos salões e festas da alta sociedade. Não se preocupava com as tarefas domésticas nem com os detalhes da maternidade — havia sempre alguém para cumprir esse papel.

Foi assim que, ainda bebê, Isabela passou a ser cuidada por uma empregada dedicada, que a embalava nas madrugadas, trocava-lhe as roupas delicadas de linho e acariciava seus cabelos claros com a ternura que nem sempre recebia dos pais. Enquanto Antônio exibia sua herdeira como o troféu, uma confirmação de sua virilidade, e Anastasia se ocupava em manter o brilho de sua própria imagem. Assim, era nos braços daquela mulher simples que Isabela encontrava calor humano.



A menina cresceu rodeada de presentes. Bonecas de porcelana vindas da Europa, vestidos bordados sob encomenda, joias infantis que brilhavam sob a luz dos candelabros. Cada aniversário era uma celebração suntuosa, cada gesto dos pais parecia reforçar que ela não era apenas uma filha, mas a coroação de um legado.

A casa, com seus salões dourados e escadarias imensas, foi o palco da infância de Isabela. Os corredores guardavam seu riso, os jardins floridos testemunharam suas primeiras corridas. Entre paredes ricas em quadros e espelhos, cresceu a menina que, desde o berço, aprendera a viver como se a vida fosse feita apenas de abundância e brilho.

O PREÇO DAS COISAS QUE NÃO TÊM PREÇO

Ao longo dos anos, Isabela cresceu envolta em silêncios e ausências. A casa em que morava era ampla, com móveis reluzentes e paredes frias, mas nela faltava o calor de um abraço verdadeiro. Sua mãe, Anastásia, vivia para o brilho dos salões e para o ouro que cintilava mais forte do que o olhar da própria filha. Movida por interesses, preocupava-se apenas com dinheiro e aparências, incapaz de enxergar a solidão que se erguia, dia após dia, no coração da menina.

O pai, sempre distante, perdia-se entre as terras da fazenda e os negócios intermináveis. A cada ausência, deixava para trás caixas embrulhadas em papéis caros, presentes que tentavam preencher o vazio de uma presença impossível. Era como se dissesse, sem palavras: “não posso estar aqui, mas compro teu sorriso.”



Cristina, a empregada da casa, tornou-se o colo que Isabela nunca teve da mãe. Nos braços simples de Cristina, a menina encontrava aconchego, histórias de ninar e o cheiro doce de comida caseira. Para Isabela, Cristina era mais mãe do que aquela que lhe deu a vida.

E, na ânsia de ser notada, de arrancar da mãe e do pai um olhar de orgulho, Isabela se multiplicava em gestos: bailarina de sapatilhas gastas, dançarina nos palcos escolares, aluna de inglês e francês. Cada passo ensaiado, cada palavra estrangeira, era um grito silencioso: “vejam-me, eu existo.”

Isabela tinha 17 anos, quase 18, mas sentia-se invisível dentro de casa. Um dia, tomada por uma tristeza que parecia pesar no peito, ela mal conseguia erguer os olhos do chão. Anastásia, sua mãe, notando o olhar abatido da filha, perguntou:

— Menina, o que te deixa assim?

Isabela respirou fundo, engolindo as lágrimas, e falou:

— Eu me sinto negligenciada pelos meus pais... — disse, a voz trêmula. — Em vez de carinho, vocês só me dão coisas, presentes caros, dinheiro... atenção de verdade, nunca recebo.

Na escola, a solidão era ainda mais cruel. Isabela tentava se aproximar de colegas, mas muitas meninas e meninos ricos não a recebiam com amizade, olhando-a com inveja ou desdém. Então, ela encontrou pessoas que a acolhiam sem julgamentos: jovens negros, humildes, conscientes de classe, que compartilhavam sonhos e momentos simples com sinceridade. Esses amigos lhe davam apoio e confiança, algo que ela jamais recebeu de seus pais ou colegas da escola particular.



Um dia, enquanto fazia as unhas, deixou o celular ligado. Anastásia olhou de soslaio e viu mensagens que mostravam essas amizades. A mãe explodiu em raiva:

- Não quero você se misturando com essas pessoas! — gritou. — Você precisa estar perto de gente da sua “classe”!

Isabela sentiu o peito apertar, enquanto as lágrimas escorreram. Gritou, soluçando:

- Meus amigos não são ruins! Eles são leais, inteligentes, confiáveis... eles me acolhem e me ensinam mais do que qualquer pessoa da minha escola particular!

A mãe chamou Antônio, seu pai:

- Antônio, vem cá! Olha sua filha, desobedecendo... essas amizades vão afastá-la do caminho certo!

Antônio, com calma, olhou nos olhos de Isabela:

- Minha filha, respeite sua mãe, porque ela fala tudo para o seu bem.
- Até você?! — exclamou Isabela, com os olhos cheios de incredulidade. — Pensei que você fosse diferente! — reforçou, a voz tremendo, — mas eu vou continuar com meus amigos!

O pai, frustrado, pegou o celular dela e o lançou ao chão, pisando nele. Isabela começou a chorar, soluçando:

- Por que está fazendo isso, pai?
- Para você aprender! — respondeu ele, seco.

Desolada, Isabela voltou para o quarto. Deitou-se na cama, rosto enterrado no travesseiro, chorando até sentir um nó na garganta, os olhos inchados, a alma ferida.

No dia seguinte, ela foi para a escola com a aparência de quem carregava o peso do mundo. Tentou se enturmar com colegas da escola particular, mas não conseguiu. Voltou para casa inventando histórias para agradar os pais, dizendo que tinha feito novas amizades “apropriadas”.

Quando Anastásia pediu uma prova — uma foto com os novos amigos — Isabela recorreu à ajuda de sua professora. Tirou uma foto com a filha da professora e, ao mostrar à mãe, ouviu:

— Que bom! Vou comprar um celular novo para você.

Cristina, a fiel empregada, fez o pedido online, e o novo celular chegou rapidamente. Mas nada mais seria como antes, pois a partir daquele dia, Isabela aprendeu a esconder sua vida, trancando conversas, protegendo amizades e mantendo para si tudo aquilo que realmente amava.

A cada gesto de preconceito e intolerância dos pais, ela se afastava mais, enojada e cansada de tentar agradar. Aos 17 anos, Isabela começou a se rebelar silenciosamente, defendendo sua liberdade, suas amizades e sua própria humanidade, com coragem e determinação que só cresciam a cada dia.

Bela sempre vivera sob o controle sutil, mas constante, de Anastásia e Antônio. Desde pequena, vestia-se com roupas claras e delicadas, as unhas sempre bem feitas, penteados impecáveis — a menina que os pais queriam:

perfeita, obediente, dócil. Cada detalhe era uma moldura cuidadosamente escolhida por eles, que tentavam definir quem ela deveria ser.

Mas, aos poucos, algo dentro de Bela começou a se rebelar. Não era apenas uma fase passageira; era uma necessidade de respirar, de existir fora dos limites sufocantes de uma vida planejada. Trocas sutis aconteceram com ousadia gradual: roupas claras deram lugar a cores fortes, tecidos leves foram substituídos por texturas inesperadas; piercings surgiram em lugares que antes pareciam impensáveis, e o cabelo ganhou tons que refletiam sua própria vontade. Em vez de músicas suaves, ela se entregava ao rock, sentindo a energia das guitarras e as letras que falavam de liberdade, resistência e verdade.

As mudanças externas eram apenas a superfície. Por dentro, Bela se transformava ainda mais: discutia política, questionava preconceitos, falava com firmeza sobre justiça e intolerância, e encontrava pessoas que pensavam como ela, que valorizavam consciência, empatia e amizade verdadeira. Saídas antes proibidas, encontros longos e conversas sinceras se tornaram rotina; e em vez de dançar balé, seus dedos percorriam as cordas de uma guitarra, aprendendo acordes que ecoavam o que não podia dizer em palavras.

Quando Anastásia e Antônio perceberam a transformação, o choque foi absoluto.

- Meu Deus... o que é isso? — exclamou Anastásia, os olhos arregalados, a voz trêmula de indignação. — Você... você não pode sair assim! Quem são essas pessoas? Essas roupas, esse cabelo...



— Isso não é aceitável! — completou Antônio, seguendo o peito, incapaz de compreender o mundo que a filha estava criando ao redor de si.

Mas Bela não recuou e pela primeira vez, falava por si mesma, com toda a força que acumulou durante anos de silêncio:

— Isso sou eu! — gritou, o coração batendo acelerado.

— E se não gostam, não é problema meu. Eu não vou mais viver para agradar vocês, para caber na caixa que fizeram de mim!

Sua casa tornou-se palco de pequenos confrontos: roupas, piercings, escolhas musicais e amizades discutidas à mesa do jantar. Mas cada choque desse representava uma vitória silenciosa, um passo em direção à liberdade. Fora dali, o mundo real a abraçava, cheio de cores, músicas, pessoas que a compreendiam e a faziam sentir que pertencia a algum lugar de verdade.

E assim, Bela descobriu a sensação de existir por si mesma, de criar sua própria identidade, longe da sombra de pais que jamais compreenderam plenamente sua necessidade de ser única, autêntica e rebelde. A cada novo acorde na guitarra, a cada risada compartilhada com amigos que a acolhiam, aprendia algo que jamais poderia ser ensinado com presentes caros ou ordens rígidas: a liberdade de ser, por inteiro, quem realmente era.



FESTA EM TONS DE SILENCIO

Um dia Bela saiu com seus amigos e conheceu um garoto chamado Gustavo. Ele era negro, não era rico de dinheiro, mas a personalidade e jeito carinhoso valias muito mais do que ela já tenha ganhado.

Esse afeto o dinheiro nunca iria comprar, ela viu nele o que nunca viu em seus pais e se apaixonou. Havia algo nele que chamava atenção: o jeito simples, o sorriso tímido e a forma como a presença dele a fazia rir sem esforço. Aos poucos, conversas que começaram com brincadeiras e provocações se transformaram em confidências, olhares demorados e toques discretos.

O tempo passou, e o que começou como uma amizade cheia de descobertas tornou-se algo mais intenso — eles se gostavam, tinham encontros sempre que podiam, e o sentimento crescia silencioso, mas firme. Então, quando se aproximava o aniversário de Bela, ela não pensou duas vezes: queria que ele estivesse ali, ao seu lado, compartilhando aquele momento. Pediu a ajuda de Cristina, colocou o plano em prática e, com o coração acelerado, convidou Gustavo para a festa que preparava, sem imaginar que aquele dia transformaria tudo.

O ar estava carregado de expectativa naquela noite de dezembro. A casa de Bela se transformara: luzes prateadas pendiam do teto, reflexos cintilavam nos vidros das janelas e no piso polido da sala. A música pulsava suave, mas firme, misturando o som do riso dos amigos com o aroma adocicado do bolo e do perfume de flores que Cristina, sempre prestativa, espalhara nos cantos. Bela, no centro



de tudo, vestia um vestido preto justo, sobreposto por uma meia-calça arrastão que deixava a pele à mostra de maneira audaciosa; afinal era seu aniversário de 18 anos.

Ela observava, com um sorriso contido, o garoto que ocupava seus pensamentos há semanas: Gustavo. Negro, humilde, com um jeito tímido de quem guarda um universo inteiro atrás do sorriso. Ele, àquela hora, conversava com alguns amigos, mas não tirava os olhos dela. Era quase um magnetismo silencioso que ninguém mais conseguia romper.

Quando chegou a hora do parabéns, todos se reuniram ao redor do bolo prateado. As velas tremeluziam como pequenas estrelas, e o canto começou:

— Parabéns pra você... parabéns pra você...

O riso de Bela se misturava com a música, e o coração parecia pulsar mais rápido. Então, com uma mudança súbita, a brincadeira começou, em forma de canto descontraído, mas ousado:

— Com quem será, com quem será, que Bela vai casar?
Vai depender se Gustavo vai querer!

Um silêncio atravessou a sala. Os olhares de seus pais se encontraram, cheios de confusão e desaprovação. Bela engoliu seco sua surpresa e antes que alguém pudesse intervir, Gustavo se moveu com uma firmeza inesperada: ajoelhou-se diante dela, segurando uma pequena liana nas mãos, e falou com a voz que parecia atravessar paredes:

— Bela, quer namorar comigo?



O coração dela quase parou e a sala pareceu girar. Tudo o que antes era previsível — o desconforto dos pais, a insegurança de Gustavo — desapareceu num instante, substituído por uma onda de emoção intensa que corria de suas mãos até a ponta dos cabelos.

Mas, como se o mundo insistisse em não dar trégua, os pais dela reagiram imediatamente.

- O quê? — a mãe exclamou, a voz tremendo entre indignação e incredulidade. — Ele é... ele é pobre! E negro! Bela, você não pode...
- Que absurdo! — cortou o pai, vermelho de raiva. — Você mal conhece esse garoto! Não vou aceitar!

Cristina, no canto da sala, mordeu o lábio, constrangida, mas não ousou interromper. O riso dos amigos de Gustavo se misturou ao nervosismo, e a festa que era para celebrar a vida de Bela tornou-se palco de tensão, olhares atravessados e murmúrios desconfiados.

Bela, porém, sentiu algo novo: coragem. Uma mistura de amor, revolta e determinação. Ela segurou a mão de Gustavo, firme, e disse, com a voz clara e decidida:

- Ele me conhece melhor do que vocês imaginam e eu quero isso, não importa o que digam.

Gustavo sorriu, aliviado e emocionado, e pela primeira vez ela sentiu o peso do mundo não tão próximo, apenas o calor daquele momento. O ambiente ainda fervia de crítica, mas dentro dela havia uma centelha inabalável: a vida poderia julgar, mas o amor, quando verdadeiro, encontraria seu caminho. Os seus pais bravos expulsaram todos da festa e Bela novamente foi para seu quarto chorar e depois disso nunca mais foi a mesma com os pais.



ENTRE GRADES INVISÍVEIS

Bela estava no terceiro ano do ensino médio, mergulhada num turbilhão de emoções que ninguém na casa dela parecia compreender. Desde que conheceu Gustavo, sua vida mudou: o menino trazia um mundo novo, um calor que seus pais nunca haviam aprovado. Eles não apenas desaprovavam a amizade — desprezavam o garoto que ela gostava, a ocupação do coração dela, o riso que só existia quando ele estava por perto.

A situação piorava com a pressão que sentia dentro de casa. Os pais, ricos e ambiciosos, sonhavam com uma filha médica, uma carreira de prestígio e status, algo que refletisse sua visão de mundo, mas Bela queria ser professora de História. Para ela, pesquisar o passado e ajudar outros a entenderem o presente era uma paixão genuína. Para eles, era uma loucura. “Isso não dá dinheiro. É coisa de gente besta, gente sem futuro”, dizia o pai, constantemente, diminuindo a profissão que ela amava. Cada comentário desse cortava como lâmina, empurrando-a para dentro de si mesma, para dentro de um quarto onde só o silêncio a protegia.

O ambiente familiar tornara-se sufocante, eles insistiam em rejeitar Gustavo. Ela se recolhia, deprimida, cada vez mais isolada, sentindo que seus desejos e escolhas eram crimes silenciosos que ninguém tinha paciência de tolerar.

E então, a dor da casa se misturava à tristeza do pai. Ele, que outrora fora rígido mas controlado, começou a se entregar à bebida, tentando afogar uma frustração que ele não sabia lidar. Voltava bêbado, derrubando móveis, xingando sem freio, transformando o lar em um campo de batalha.



As palavras dele atingiam Bela com força de pedra: “Você é meu desgosto. Eu te odeio. Eu te dei tudo e você não passa de uma ingrata. Você só me dá desgosto. Por querer namorar, você é uma puta, uma prostituta, não presta para nada.”

Bela se encolhia diante da fúria do pai, absorvendo cada insulto, cada gesto agressivo, cada olhar de desaprovação. A cada noite assim, o quarto se tornava seu único refúgio, e única companhia que podia tolerar era a lembrança de Gustavo, do calor de suas mãos, sorriso que ainda a fazia acreditar em um mundo melhor fora daquilo.

O TOQUE QUE FERE

O barulho das garrafas quebrando já não era novidade, mas naquela noite o ar parecia mais pesado, como se pudesse esmagá-la. As palavras crueis se repetiam, afiadas como facas: “puta”, “prostituta”, “desgraçada”. Bela encolheu-se no canto do quarto, tentando desaparecer, como se a própria existência pudesse protegê-la.

O pai entrou cambaleando, os olhos vermelhos e turvos pelo álcool, mas havia algo mais naquele olhar — uma maldade fria, uma intenção que ela não queria entender. Ele a fitava de maneira que fez o coração dela congelar, uma mistura de ódio e desejo que a fez recuar. Cada passo dele era uma ameaça silenciosa, cada palavra carregava uma intenção oculta, e Bela sentiu um arrepio de terror percorrer-lhe a espinha.

Então ele tentou tocá-la. Um gesto rápido, uma mão que roçou sua perna, suficiente para fazê-la sentir-se



invadida, suja e humilhada. O choque a paralisou por um instante, mas, com toda a força que conseguiu reunir, Bela empurrou-o com violência. Ele cambaleou, surpreso, e recuou. Nada mais aconteceu, mas o dano estava feito — o toque, mesmo breve, deixou nela uma marca invisível, um peso que não desapareceria tão cedo.

Nos dias que se seguiram, Bela caminhava pela casa como uma sombra, carregando medo, vergonha e raiva. O trauma se infiltrou em sua rotina: a menina que sempre tirava notas altas começou a falhar, deixou de gostar da escola, começou a faltar às aulas, vagando pelas ruas para fugir do próprio lar e do olhar ameaçador do pai. Cada passo longe da escola era um esforço para escapar da sensação de sujeira e humilhação que ela carregava consigo.

A casa, antes lar, transformou-se em prisão. O medo de ser tocada novamente, a maldade daquele olhar e a sensação de inferioridade que ele impôs nela fizeram com que Bela se recolhesse ao silêncio, escondendo do mundo o que tinha acontecido, enquanto o trauma se enraizou profundamente.

No dia seguinte, Bela tentou contar tudo à mãe, buscando, assim, alguma forma de acolhimento, mas a reação que encontrou foi inesperada e dolorosa. Anastásia riu da sua cara, um riso curto, seco, como se tudo fosse uma brincadeira.

— Você tá brincando, né? — disse ela, incrédula.

As lágrimas vieram sem controle. Bela começou a chorar, soluçando, enquanto tentava explicar entre os prantos: que o pai havia tocado sua perna, que só não tinha ido mais longe porque ela havia se defendido, que o olhar dele tinha sido estranho, estranho de uma forma que ela nunca tinha visto antes.



Anastásia a olhou com desdém, cruzando os braços, como se toda a dor da filha fosse um incômodo:

- Você é uma menina mimada. Já vem com essas amizades, esses namoros, esses estilos estranhos, e agora está inventando uma mentira. Olha, eu não vou aceitar essas coisas, você sabe que tudo que tem dentro desta casa é o seu pai que coloca.

A ferida aberta no coração de Bela se transformou em palavras afiadas:

- Você nunca se importou de verdade comigo, né, mãe? — disse, a voz trêmula, mas firme. — Você sempre se importou com o dinheiro. Será que foi por isso que você engravidou do meu pai? Só pra ele não te largar, só pra não perder o conforto que você tem por causa da vida financeira?

O rosto de Anastásia se contorceu em choque.

- Cala a boca, menina! — gritou, a voz dura e ameaçadora. — Vai pro seu quarto se você não quiser que aconteça algo pior. Eu nunca vou acreditar em você. Você não passa de uma mimada rebelde. Depois de tudo que eu fiz por você, você tenta estragar a nossa família?

Após aquele dia, a distância se instalou. Anastásia começou a evitar Bela, e o pai de Isabela, igualmente, manteve-se silencioso, frio, como se nada tivesse acontecido. Bela sentiu o mundo desmoronar ao seu redor: os dois adultos que deveriam protegê-la se transformaram em muros intransponíveis, deixando-a sozinha com a dor.



Foi então que ela procurou Cristina e a amiga a recebeu com braços abertos e um olhar de compreensão, não havia necessidade de palavras.

— Eu entendo você, Bela — disse Cristina, suavemente, segurando suas mãos. — Eu passei por algo parecido quando era criança. Eu sei como dói, mas eu sempre vou estar aqui pra te defender.

As lágrimas de Bela se misturaram às palavras de consolo. Pela primeira vez, depois de tanta rejeição e medo, ela sentiu que não estava completamente sozinha. Cristina se tornou o porto seguro, a voz que lembrava que ainda existiam pessoas dispostas a acreditar nela e ajudá-la a atravessar a escuridão que a vida em casa lhe impôs.

Alguns dias depois, Bela descobriu algo que mudaria de vez a percepção que tinha sobre sua família: sua mãe, Anastásia, vinha sendo traída pelo pai dela. Ela já sabia que a mãe se importava pouco com sua dor e suas necessidades, e sim priorizava dinheiro e conforto. Agora, com a confirmação da traição e a descoberta de que o pai mandava dinheiro para outra mulher, a sensação de traição e desprezo se multiplicou.

Bela tentou falar com a mãe, contando o que sabia, mas Anastásia duvidou, balançando a cabeça como se fosse impossível acreditar. Determinada, Bela conseguiu descobrir a senha do celular do pai e mostrou todas as conversas, as transferências de dinheiro, a verdade nua e crua. Quando Anastásia finalmente viu, a raiva a consumiu: ela correu até Antônio, gritando, com a voz embargada:



- Por que você está com outra vagabunda? Por que você está sustentando outra mulher? É por isso que não me dava o que era meu!

O casal começou a discutir ferozmente. Antônio, surpreso e irritado, perguntou como ela havia descoberto.

- Bela contou — respondeu Anastásia, a voz dura e cheia de indignação.

Bela estava no quarto, tentando se proteger do barulho, mas Antônio, tomado pela raiva, abriu a porta com força e entrou. Num instante, deu um tapa na cara dela. O choque a fez recuar, e o coração pareceu parar.

- Você quer destruir esta família! — gritou ele, a voz ecoando pelo quarto. — Você não passa de uma menina mal-criada! Uma menina que só deveria ser usada! Nunca deveria ter nascido! Eu não quero mais olhar para a sua cara!

Cada palavra caiu sobre Bela como pedras. Ele a olhava como se ela fosse nada mais do que um objeto, uma coisa descartável. E, naquele momento, uma sensação de medo absoluto tomou conta dela: todo homem que ela amasse no futuro, pensou, só poderia vê-la como um objeto, alguém para usar e descartar. O mundo que conhecia se tornou ainda mais cruel, e o trauma que carregava desde o assédio do pai e a rejeição da mãe se intensificou, deixando cicatrizes profundas que não poderiam ser ignoradas.

Bela sentou-se no chão do quarto, com o corpo tremendo e o coração pesado, sentindo o peso da traição, da violência e do desprezo, enquanto lá fora, a briga dos pais continuava, indiferente à sua presença e ao sofrimento que deixava em seu rastro.



Anastásia observava a cena, o rosto dela marcado pela incredulidade, como se não pudesse acreditar no que acabara de ouvir.

- Como assim? — disse, a voz trêmula. — Você está dizendo isso para a nossa filha? Que ela deveria apena nas ser usada?

Ela olhou para Bela, tentando entender, e então Antônio começou a inventar uma história cruel: disse que ela estava ficando com vários rapazes e por isso que estava faltando às aulas e tirando notas baixas. Segundo ele, a filha estava perdendo tempo com os meninos, se comportando de maneira irresponsável, ignorando a escola e o estudo.

Anastásia, embora chocada, absorveu a versão do marido e virou-se para Bela com severidade, como se fosse impossível que a filha pudesse ter motivos legítimos para o que estava acontecendo:

- Então é isso? Você está virando alguma rapariga, Bela? — perguntou, a voz dura, cortante. — É por isso que você está matando aula? É para ficar com os meninos por aí?

Bela sentiu o chão desaparecer sob seus pés. Cada palavra caía sobre ela como ferro quente. O trauma do pai, a rejeição e o desprezo da mãe, que já se preocupava mais com dinheiro do que com ela, se misturavam à humilhação daquele instante. Ela ficou calada, com o coração apertado, absorvendo cada acusação injusta, percebendo que, naquele momento, não havia para quem recorrer dentro da própria casa.



O peso da mentira e da injustiça a empurrou para dentro de si mesma, tornando ainda mais difícil acreditar que poderia existir alguém que a compreendesse e a defendesse.

Quando as portas se fecham, os passos seguem.

Logo depois que as aulas acabaram, Bela se sentiu esgotada. Passara na terceira unidade, mas quase reprovava. Cada nota baixa era um lembrete silencioso de tudo o que vinha acontecendo em casa, de toda a pressão, humilhação e dor que carregava. O peso da rejeição dos pais e do trauma do pai parecia acumular-se em cada movimento, em cada pensamento.

Ela procurou Cristina, com os olhos marejados, a voz trêmula:

— Eu não aguento mais, Cris... eu quero ir embora de casa.

Cristina, já conhecendo toda a situação, respirou fundo e segurou as mãos de Bela, firme e segura disse:

— Sim, Bela... acho que seria bom mesmo você ir embora, mas precisamos ser cuidadosas. Você ainda não trabalha e não tem para onde ir, então vamos pensar com calma.

Bela ouviu, com uma mistura de alívio e medo, enquanto Cristina explicava o plano. Haveria um refúgio, uma casa na zona rural de Cristina, afastada o suficiente para que os pais de Bela não descobrissem. Um lugar seguro, um porto temporário onde ela poderia respirar sem medo, ao menos por um tempo.



Com a decisão tomada, Bela começou a preparar suas coisas. Malas abertas no chão do quarto, roupas dobradas às pressas, lembranças recolhidas com cuidado. Cada peça que colocava na mala era uma mistura de nostalgia e esperança: nostalgia do que estava deixando para trás, esperança de que, finalmente, poderia encontrar um pouco de paz e liberdade.

E, mesmo com o coração apertado, Bela sentiu pela primeira vez em muito tempo que estava dando um passo em direção a si mesma, em direção a uma vida que pudesse chamar de sua, longe do medo, das humilhações e das mentiras de quem deveria protegê-la.

Enquanto Bela fechava a última mala, sentiu um peso no peito: a consciência de que estava deixando tudo para trás, mas também a necessidade de respirar, de se libertar. Foi então que Antônio, o pai, entrou no quarto com olhos vermelhos de raiva e álcool.

- Aonde você pensa que vai? — perguntou, a voz áspera.
- Vou embora — respondeu Bela, firme, tentando conter o medo que queimava por dentro.

Um tapa estalou contra seu rosto antes que pudesse reagir. O ardor da palma da mão se misturou à humilhação e ao desprezo:

- Ingrata! Você não passa de... de uma biscate!
- Anastásia, que havia ouvido o tumulto, apareceu na porta.
- O que está acontecendo? — perguntou, sem emoção.



- Ela quer ir embora de casa — respondeu Antônio, com raiva contida.

Anastásia lançou um olhar de desinteresse para Bela, como se ela fosse apenas um detalhe na vida que importava de verdade:

- Duvido que vá muito longe. Você não tem dinheiro, não tem nada — disse, quase indiferente.
- Então vá — disse Antônio, a voz carregada de autoridade. — mas se resolver voltar, será do nosso jeito. Sem esse estilo, essas amizades, nada disso. Nós cansamos de você.

Bela engoliu em seco, sentindo a mistura de medo, raiva e alívio. Não havia mais nada que a prendesse ali. E assim, com a mala nas mãos e o coração apertado, ela saiu de casa, deixando para trás o peso da humilhação e do controle dos pais.

Logo encontrou refúgio na casa de Cristina, onde podia, finalmente, respirar. Mas a liberdade vinha com responsabilidades. Bela começou a trabalhar em um supermercado, em regime CLT, de segunda a sábado o dia todo, e aos domingos em meio período. Cada dia era uma batalha de esforço e cansaço, mas também uma afirmação de sua independência.

Mesmo assim, metade do salário era para as contas de casa, ajudando Cristina, que não tinha condições financeiras confortáveis. Bela aprendeu rapidamente o valor do trabalho árduo, da disciplina e do sacrifício. A vida de liberdade custava caro, mas, pela primeira vez, ela sentiu que estava construindo algo só seu, mesmo que cada passo viesse acompanhado de esforço, suor e responsabilidade.



RIQUEZA QUE O TEMPO NÃO COMPRA

Meses se passaram desde que Bela saiu de casa. Entre turnos longos no supermercado e noites de estudo, ela juntava cada centavo com determinação, preparando o caminho para sua própria vida. Sentia que, por mais que Cristina insistisse, estava de alguma forma atrapalhando a amiga, a mulher que se tornara sua mãe de coração. Finalmente, com o dinheiro suficiente, Bela decidiu morar sozinha, dando o primeiro passo para conquistar sua liberdade.

Antes de se mudar, abraçou Cristina com força, sentindo o calor e o cuidado que haviam sustentado sua alma por anos.

— Obrigada, Cris... você não foi só como uma segunda mãe. Você foi a primeira. A verdadeira mãe que eu precisava.

Cristina sorriu, com lágrimas contidas, segurando o rosto de Bela entre as mãos.

A vida independente não foi fácil. Bela trabalhou duro, equilibrando emprego, estudos e responsabilidades, mas cada sacrifício, cada dia exaustivo, cada centavo economizado transformava-se em liberdade. Com Gustavo, seu amor de juventude, construiu uma vida sólida: casaram-se, alugaram sua primeira casa, e ela ingressou na faculdade de História. No início, tudo parecia pesado, mas sua força e determinação a fizeram crescer. Anos depois, a jovem que quase fora esmagada pelo medo e pela rejeição tornou-se uma professora mestra em História, admirada, respeitada e bem-sucedida.



Mas o maior aprendizado de Bela não está apenas no sucesso profissional. Hoje, ela tem sua própria casa, sem aluguel, conquistada com esforço e suor. Tem dois filhos, e cada gesto dela para com eles carregava uma lição que a vida a ensinara: dinheiro importa para suprir necessidades, mas não substitui amor, cuidado e dedicação. Ela não queria que seus filhos crescessem sentindo a ausência de afeto, como ela.

Ela lembrava dos anos de pobreza, do trabalho duro no supermercado, e sorria com a lembrança do que realmente importava: o amor de Cristina. Naqueles dias simples, sem dinheiro, mas com cuidado, acolhimento e presença, ela se sentia mais feliz do que nos anos em que havia conforto financeiro, mas ausência de afeto. Aprendeu a importância de valorizar as pessoas amadas.

Hoje, Bela dá aos filhos não apenas dinheiro, mas amor, atenção, exemplo e proteção. Sua vida é a prova de que a força de caráter, a dedicação e o afeto valem mais do que qualquer fortuna. Ela entende que cada obstáculo, cada lágrima, cada medo enfrentado a moldou para ser essa mulher completa, segura e resiliente.

E, olhando para o passado, sente orgulho. Orgulho de ter sobrevivido, construído sua própria história, transformando sua dor em força, medo em coragem, rejeição em amor. Ela havia conquistado tudo aquilo que seus pais jamais poderiam lhe dar: liberdade, respeito, afeto e felicidade genuína.

Bela finalmente compreendeu que a vida verdadeira não se mede em dinheiro, mas em amor, esforço e coragem.



Isso guia cada passo dela, todos os dias, em sua casa cheia de risos, aprendizados e vida.

A vida não se mede em moedas nem se conta em títulos, mas no calor das mãos que se estendem, nos abraços que seguram o desespero, na coragem de proteger quem se ama. Há riqueza que corrompe e pobreza que ensina; há ouro que cega e amor que ilumina. O sentido verdadeiro não se acumula em cofres, mas em gestos que sustentam, em presenças que não abandonam, em coragem que resiste ao medo. Quem planta afeto colhe eternidade.

6

Fernanda da Silva Carvalho

QUARTO DE LUZ APAGADA

Nunca soube ao certo quando a luz se apagou. Não foi de repente, mas também não houve aviso, foi como se a casa tivesse aprendido a não acender.

Havia um silêncio diferente agora.

Não o silêncio tranquilo de fim de tarde.

Era o silêncio suspenso, cheio de coisas que ninguém ousa dizer. Um silêncio que se deitava comigo e me cobria até o pescoço.

Eles ainda estavam por perto — ao menos fisicamente. As portas ainda batiam, os talheres ainda tilintavam. Tudo parecia ensaiado demais. As palavras vinham medidas, pequenas. Os passos, leves demais, como se tivessem medo de me acordar — ou me descobrir.

Ninguém disse nada, mas foi justamente essa ausência de palavras que mais gritou. A luz se apagou no momento em que me olharam diferente ou deixaram de olhar.

Talvez tenha sido um detalhe: um gesto contido, uma risada cortada, um toque não dado.

Não havia acusações, nem confrontos.

Apenas o vazio exato entre o que éramos e o que deixamos de ser.

Eu continuava sendo.

Mas eles pareciam esquecer quem fui ou não sabiam mais como lidar com o que me tornei ou talvez soubessem — e isso os afastou.

O quarto seguia igual, mas agora era só meu.



Não de um jeito acolhedor, e sim de um jeito que pesa. Ser só o próprio abrigo cansa.

Mas uma vela seguia ali. Pequena, branca, esquecida. Nunca usada.

Por dias, talvez semanas, olhei para ela sem coragem de tocar, porque acender exigiria ver.

E ver, às vezes, dói mais do que suportar a penumbra.

Houve um tempo em que eu achei que poderia ser inteiro perto deles e bastava existir com sinceridade para que o amor os ensinasse a permanecer.

Mas o amor, às vezes, se assusta ou se esconde.

E então passei a viver no escuro.

No escuro daquilo que não se pode dizer. No escuro da ausência de abraço.

No escuro de não saber se ainda sou bem-vinda.

Um dia, qualquer dia, o quarto pesou mais do que o medo. A mão buscou a vela.

A vela respondeu com silêncio.

O fósforo riscado iluminou por um segundo meu rosto, meu gesto, minha hesitação. A chama acendeu o pavio.

Havia poeira nos cantos do quarto. Não era nova — era antiga, acumulada.

Como as coisas que ficam mesmo depois que vão.



Como os restos de presença que ninguém se dá ao trabalho de varrer.

Comecei a perceber esses pequenos sinais.

Um tênis encostado na parede, que já não servia.

Uma blusa dobrada no fundo da gaveta, que ainda cheirava a antes. A cortina, sempre entreaberta, deixa a luz entrar pela metade.

Como se o mundo lá fora estivesse proibido de entrar inteiro.

Tive vontade de escrever alguma coisa, mas a folha branca me intimidava.

Tive vontade de chorar, mas o corpo estava seco demais.

Tive vontade de sumir, mas algo em mim ainda insistia em existir, mesmo pequeno e mesmo esquecido.

O corpo tem memória.

Não só dos toques que vieram, mas dos que não vieram. A pele também sente falta daquilo que nunca teve.

Como se pudesse desejar um afago que só imaginou.

A vela seguia acesa, consumindo-se aos poucos. E eu ali, imóvel, observando sua coragem.

Era só uma chama.

Mas parecia mais viva do que eu.

Às vezes, quando o vento soprava por baixo da porta, ela tremia. Mas não apagava.

Eu também tinha tremido — tantas vezes — e, de algum modo, ainda estava ali.

Passei a olhar o teto como quem procura sinais. Nenhum veio.

Nem do céu, nem de mim.

Mas havia calor.

Pequeno, tímido, quase imperceptível.

Apenas o suficiente para lembrar que meu corpo ainda produzia presença.

Comecei a notar como o tempo passava de maneira diferente dentro do quarto.

Não havia horas precisas, só uma espécie de respiração prolongada entre um cansaço e outro.

O relógio seguia girando no mundo lá fora, mas aqui dentro ele hesitava, como se estivesse com medo de me empurrar para frente.

Às vezes o dia chegava e eu nem percebia.

A luz da janela entrava em silêncio, sem coragem de tocar o que havia se tornado sagrado.

Era como se tudo aquí dentro estivesse em luto. Mas não sabia exatamente o que havia morrido.

O corpo, este velho amigo estranho, também parecia não saber o que fazer. Dormia demais ou não dormia nada.



Sentia fome e logo esquecia.

Andava em círculos dentro do próprio quarto, como quem procura algo que deixou cair — e que nunca teve.

A vela seguia ali.

Consumida em partes, como eu.

Era estranho ver uma chama resistir.

Ser tão pequena e, ainda assim, não desistir. Talvez porque ela não esperasse ser compreendida. Ela apenas ardia.

E isso, por si só, já era um ato.

Passei a colecionar gestos quase imperceptíveis:

o abrir da janela, mesmo sem olhar para fora;

o copo de água, mesmo sem sede;

o cobertor dobrado com certo cuidado, mesmo quando ninguém mais nota.

Eram pequenas delicadezas que eu oferecia a mim, como quem tenta reaprender a gostar da própria companhia.

No fundo, eu sabia:

o quarto não me prendia. Era eu quem não queria sair.

Porque lá fora era onde estavam os olhos que me viraram o rosto, as vozes que fingiram não saber, os passos que se afastaram devagar demais para não parecer fuga.

Aqui dentro, pelo menos, ninguém me interrompia.
Nem me corrigia.

Nem me apagava.

Um dia, sem motivo aparente, empurrei a cama para o outro lado do quarto. Era um gesto pequeno, mas violento.

O ranger das madeiras sobre o chão ecoou como um grito contido — e pela primeira vez, algo dentro de mim também se moveu.

Senti a poeira se erguer, densa, como memória sendo levantada à força. Era como remexer numa história que ninguém quis terminar.

Mas havia algo de libertador naquele deslocamento.

O quarto era o mesmo, mas o espaço se reconfigurava. E eu também.

Tirei os livros de cima da estante. Passei os dedos nas lombadas.

Havia nomes que eu já não reconhecia. Outros que ainda sabiam quem eu era.

Não os abri. Ainda não.

Mas os alinhei com mais cuidado, como quem arruma palavras antigas para dizer mais tarde.

A vela agora estava no centro da mesa.

Como se tivesse ganhado o direito de existir, não apenas no canto — mas à vista.



Comecei a escrever, não em folhas soltas, mas nas paredes invisíveis de dentro. Escrevi com a respiração, com o toque nos objetos, com a forma como me sentava.

Tudo era linguagem.

E, pela primeira vez, eu estava aprendendo a escutar o que vinha de mim.

Olhei o espelho.

Não para ver se estava bonita.

Mas para saber se ainda estava inteira.

Meu rosto parecia mais velho. Ou talvez mais verdadeiro.

Vi as olheiras, os lábios quietos, o olhar um pouco mais fundo. Não havia tristeza, nem alegria.

Havia uma presença nova: a de quem não foge mais de si.

Não precisei sorrir e nem chorei.

Apenas me encarei e isso bastou.

Permaneci assim por minutos — talvez horas — até que o reflexo deixou de ser um estranho.

Não era alguém esperando aprovação. Não era alguém esperando amor.

Era só eu.

E ser só eu, depois de tanto tempo, já era mais do que suficiente.



A vela está quase no fim.

A cera escorre como uma lágrima que já cumpriu sua função.

Mas a chama segue firme, como quem sabe o valor da última luz.

O quarto está mais leve.

Não porque as coisas mudaram, mas porque eu parei de tentar fazer caber o que nunca coube.

Lá fora, seguem sem me chamar e sem me tocar.

Sem saber o que perdi e o que ganhei.

Mas aqui dentro, há espaço.

Não o espaço de antes, mas um novo:

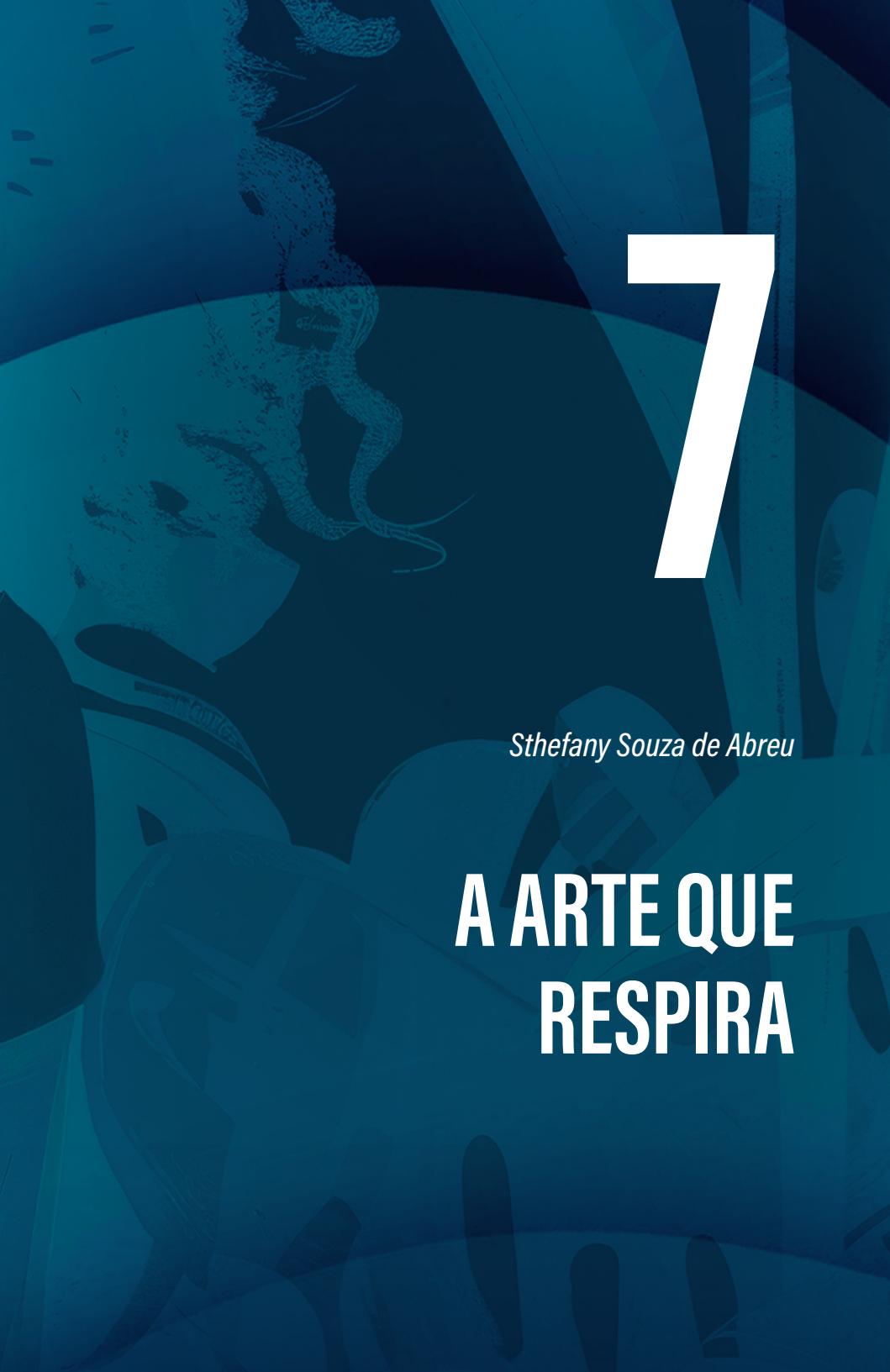
mais quieto, mais real, mais meu.

A luz pode apagar. A vela pode acabar, mas agora sei que, se um dia escurecer de novo, serei capaz de acender outra.

E outra. E outra.

Até que o quarto seja, por fim, o lugar onde eu permaneço — não apesar de mim, mas por causa de mim.





Sthefany Souza de Abreu

A ARTE QUE RESPIRA

“Desenhar era a única forma de dizer o que eu nunca consegui com a voz.” Essas palavras estavam rabiscadas no caderno de Isaque, um garoto de 16 anos, morador da periferia de uma cidade grande, onde o concreto é cinza e os olhares, muitas vezes, também.

Isaque era negro, magro, tímido, com um talento descomunal para desenhar. Não falava muito, mas bastava uma folha e um lápis para o mundo todo ouvir. Desde pequeno, usava a arte como escudo. Cada traço era um desabafo, uma ferida, um grito que ninguém escutava até ele começar a colar seus desenhos nos muros da escola.

Era ali, no colégio estadual onde estudava, que tudo começou. Em vez de frases comuns nos murais, os desenhos de Isaque apareciam silenciosos: uma menina chorando tinta preta; um menino sendo apontado por dedos brancos; uma boca costurada com linha vermelha. Todos assinados com um “i.” minúsculo.

No começo, ninguém sabia quem era o autor, mas os desenhos incomodavam. Diretores rasgavam, professores ignoravam, mas os colegas... os colegas viam e alguns meninos e meninas se viam nos desenhos, sentiam e comentavam:

- Essa aqui sou eu. — disse Mariana, uma aluna gorda, apontando para o desenho de uma balança quebrada.
- Parece meu primo que sofre racismo no ônibus todo dia. — comentou Victor, um dos poucos professores que parava para olhar.



Um dia, Isaque desenhou algo diferente. Um retrato: era o rosto de um aluno que havia sido suspenso por reagir a um comentário racista de outro. Ao redor do rosto, frases:

“A culpa não é de quem apanha.” “Não é mimimi, é ferida aberta.”

Foi o bastante. A direção chamou os responsáveis. Isaque foi suspenso.

- Arte não é lugar pra militância, disseram.
- Isso é vandalismo.
- Estamos aqui para ensinar, não promover revolta.

Mas a revolta já estava nas veias e nos corredores e nos olhos de quem tinha medo de falar. Então, num sábado qualquer, ao chegarem à escola, os funcionários encontraram um novo mural maior que todos os outros. Ocupava o muro da quadra, inteiro, feito durante a madrugada. Neste muro como tela, havia mãos de cores diferentes segurando o mesmo lápis, o mesmo pincel. No centro, estampava-se a seguinte frase:

“A arte é a voz dos silenciados.”

A comunidade se mobilizou. Professores progressistas, alunos, pais, ativistas da região. Criaram um grupo: Coletivo Traço Vivo. Começaram oficinas de arte para jovens da quebrada, exposições públicas com os desenhos de Isaque e outros alunos.

Na primeira exposição fora da escola, Isaque leu um bilhete anônimo colado ao lado de um de seus desenhos onde estava escrito:



“Seu lápis salvou minha vida, nunca pare de desenhar.”

E ele não parou.

Hoje, suas obras estão em museus, escolas e centros culturais, mas ele diz que sua maior obra foi aquele primeiro desenho na parede da escola. Foi ali que ele descobriu que arte pode ser mais que bonita, pode ser justa, pode sim ser resistência.

JOVENS AUTORAS

Amanda Victória dos Santos Lima

É natural de Itaeté (BA) e reside em Luís Eduardo Magalhães (BA). Estudante do Colégio Estadual Constantino Catarino de Souza, interessada por literatura, música, esporte e questões sociais.

Ana Júlia Barreto Kunzler

É natural de Taguatinga (TO), mas mora em Luís Eduardo Magalhães (BA) há mais de 13 anos. Estudante do Colégio Estadual de Tempo Integral Mimoso do Oeste, interessada por leitura, escrita de poemas e artesanatos.

Antonella da Silva Carvalho

É natural de Luís Eduardo Magalhães (BA), cidade onde mora. Estudante do Colégio Estadual Constantino Catarino de Souza, vê na literatura uma forma de entretenimento.

Daniela S. Paes Landim

É natural de Luís Eduardo Magalhães (BA), cidade onde mora. Estudante da Escola Municipal Ângelo Bosa, interessada por literatura.

Emanuella S. Paes Landim

Nasceu em Barreiras (BA) e mora em Luís Eduardo Magalhães (BA). Estudante do Colégio Estadual Constantino Catarino de Souza, desenvolve trabalhos na área de literatura, com foco em poemas e contos que abordam questões sociais.

Fernanda da Silva Carvalho

É natural de Pindobaçu (BA) e reside em Luís Eduardo Magalhães (BA). Estudante do Colégio Estadual Constantino Catarino de Souza, interessada por literatura e música.

Sthefany Souza de Abreu

É natural de Luís Eduardo Magalhães (BA) e estudante do Colégio Estadual de Tempo Integral Mimoso do Oeste.

APOIO FINANCEIRO



MINISTÉRIO DA
CULTURA



www.PIMENTACULTURAL.com

Letras Insurgentes – Volume 2 dá continuidade ao percurso iniciado na primeira coletânea, reunindo vozes que amadureceram entre palavras e afetos. Resultado das **oficinas de Escrita Criativa** e do módulo *Tópicos Avançados em Ciências Humanas e Sociais*, o livro amplia o repertório estético e político das narrativas produzidas no Oeste da Bahia. As autoras exploram temas como corpo, ancestralidade, fé, memória, exclusão e esperança, reafirmando a literatura como espaço de escuta, resistência e reexistência. Mais que uma sequência, este volume é **continuidade e renascimento**: a palavra insurgente segue viva, em movimento.

 **peripécia**